

2013

**PIPOCAS
PEDAGÓGICAS:
NARRATIVAS OUTRAS DA ESCOLA**

Organizado por:

Cristina Maria Campos

Guilherme do Val Toledo Prado



2013

PIPOCAS
PEDAGÓGICAS:
narrativas outras da escola

Organizado por:

Cristina Maria Campos

Guilherme do Val Toledo Prado

Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Cristina Maria Campos; Guilherme do Val Toledo Prado [Orgs.]

Pipocas pedagógicas: narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 96p.

ISBN: 978-85-7993-138-3

1. Pipocas pedagógicas. 2. trabalho docente. 3. Linguagem e ensino. 4. Autores. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Antonio Bessa-Oliveira

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Rogério Drago (UFES/Brasil).



Pedro & João Editores
Rua Tadão Kamikado, 296
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2013

Sumário

Prefácio

- Viver, narrar, experienciar: pipocas pedagógicas
como "outros sentidos" do trabalho docente 7

Guilherme do Val Toledo Prado.

- Pipocas pedagógicas – a produção de 2008 do Grupo
de Terça do GEPEC. 19

Glória Pereira Cunha.

Pipocas Pedagógicas:

- Como se comemora a memória 51

Ana Maria de Campos

- Você fez falta 55

Cristina Maria Campos

- Enquanto o gira-gira gera encantos 57

Maria Fernanda Pereira Buciano

- De estorvo a inspiração 61

Liana Arrais Seródio

- Brincadeira Útil 65

Lucianna Magri de Melo Munhoz

- Carta de Amor 67

Marcemino Bernardo Pereira

- Conversa com as crianças 69

Maria Natalina de Oliveira Farias

Carta Pipoca	73
<i>Tamara Abrão Pina Lopretti</i>	
Cordel: Educação com Poesia	79
<i>Wilson Queiróz</i>	

Pós-fácio

Contar a aula, reencantar a escola, (re)inventar a escola, (re)inventar a imagem de produção de saberes docentes	83
<i>Maria Carolina Bovério Galzerani</i>	

Prefácio

Viver, narrar, experienciar: pipocas pedagógicas como "outros sentidos" do trabalho docente.

Guilherme do Val Toledo Prado¹

Los enigmas sobre
cómo pensar,
cómo vivir,
cómo actuar,
cómo sentir,
no pueden nunca llegar a resolverse
definitivamente,
siempre se están reconstruyendo,
desde um pensamento que nos es substancial,
sino que es relacional,
relacional com lo otro
y con los otros,
en donde el saber sobre la experiencia
és relacion, relato.
V.F.Cerveró.

Pra começar...

Este é um livro de professoras e professores para professoras e professores. Em cada um dos textos que se encontram neste livro como "pipocas pedagógicas", registradas estão as experiências vividas de professoras e professores que, ao narrarem o vivido junto aos seus alunos e alunas, deram a ver a riqueza de sentidos que emergem do cotidiano do trabalho docente .

¹ Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP, coordenador do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

Como nos lembra Walter Benjamin (1985), somos todos narradores quando relatamos fatos que nos tocam; registramos nossas memórias e contamos nossas histórias, preservando-as do esquecimento e criando a possibilidade de serem contadas novamente e de outras maneiras: os múltiplos sentidos que lhes são possíveis se constroem no olhar do outro, na relação com outras histórias. E por isso, neste livro se encontram estas histórias recolhidas e apresentadas na intenção da partilha e da multiplicação de sentidos junto a inúmeros leitores, em especial, a professoras e professores.

Narrativas pedagógicas: escrita de si e reflexão da formação e profissão docente

Ao narrar, visitamos o passado, na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes, fragmentos que ficaram “esquecidos” no tempo. Para Benjamin (1985), a memória é tecida a partir do presente, empurrando-nos para o passado, numa viagem imperdível e necessária, fundamental para que possamos produzir outros encadeamentos, outros modos de compreender o acontecido, outras possibilidades narrativas, significando e ressignificando nossa história e produzindo novos sentidos para a nossa vida e para a vida dos outros. Isso possibilita que nos lancemos para o futuro de outros modos, de outras maneiras, ressignificando o próprio passado com nossa memória de futuro (Bakhtin, 1992) ativada e orientada a constituir novos sentidos para as ações presentes.

Compreendo as narrativas como gênero do discurso privilegiado para que os educadores produzam e se compreendam produzindo saberes e conhecimentos,

escrevam sobre temas que os inquietam e/ou interessam, socializem suas opiniões, suas concepções e os sentidos atribuídos ao trabalho que desenvolvem e à própria reflexão – para que, com isso, narrem seu processo de formação pessoal e profissional. E entendo que o conceito de gêneros do discurso, tal como proposto por Bakhtin (1992): modos de utilização da língua, elaborada por tipos relativamente estáveis de enunciados, compostos por elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional – que se articulam e são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação, é muito potente, ao articular-se a compreensão da narrativa sinalizada por Benjamin (1985).

Bakhtin distingue, no âmbito da comunicação verbal, dois tipos de gêneros do discurso. Os gêneros primários (simples) são aqueles que se constituem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, têm uma relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. Podemos dizer que as narrativas orais, aquelas que constituem nossos discursos cotidianos, fazem parte da complexa trama discursiva dos gêneros primários. Os gêneros do discurso secundários (complexos) – tais como o romance, o teatro, o discurso científico e o discurso ideológico, manifestos na produção escrita artística, científica, sociopolítica – decorrem de circunstâncias de comunicação mais complexas, sendo necessário o diálogo, a mediação de outras instâncias discursivas, para a produção da compreensão acerca do dito. O “intuito de querer-dizer” do locutor/produtor do enunciado é que vai determinar o tratamento do tema, bem como a escolha do gênero em que o enunciado será produzido, uma vez que

o intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido – objetivo – para

formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados (Bakhtin, 1992, p. 300).

Considero que os textos escritos pelos educadores a fim de compartilharem suas lições aprendidas a partir da experiência, da reflexão sobre a experiência, da observação da prática dos pares, da discussão coletiva, da leitura, do estudo e da pesquisa se configuram no que denominamos em nossos estudos de “narrativas pedagógicas”. O que são narrativas pedagógicas? São memoriais, novelas de formação, cartas pedagógicas, crônicas do cotidiano, depoimentos, diários, relatos de experiência e de pesquisa, dentre outros registros em que os educadores documentam o que fazem, o que pensam, o que pensam sobre o que fazem, assim como suas inquietações, dificuldades, conquistas, sua produção intelectual. São textos que mobilizam o necessário diálogo entre os conhecimentos, os saberes e as experiências da formação e da profissão e que funcionam como plataforma de lançamento à reflexão sobre si mesmo e sobre sua ação profissional (Prado; Cunha e Soligo, 2008).

E, para dar maior visibilidade à potência desses gêneros, tomo a liberdade de adaptar de um texto de Larrosa, fazendo uma única substituição de palavra², pois ele diz, melhor do que eu poderia dizer, o que é a “dimensão pedagógica”, a que me referi:

2 A palavra “novela” foi aqui substituída por “narrativa”, uma vez que o sentido não se altera significativamente e a abordagem do autor coincide com a que defendo.

Podemos considerar *narrativa* pedagógica todo relato que se deixa ler enquanto que inclui a possibilidade de que se derive um ensinamento de sua leitura. É claro que existem *narrativas* cujas marcas pedagógicas são mais enfáticas. E também existem *narrativas* que ninguém diria que são *narrativas* pedagógicas, mas que admitem uma leitura em termos de algum ensinamento de que são portadoras [...]. No entanto, se considerarmos “ensinamento” qualquer afirmação geral sobre a existência humana, à qual a obra possa dar lugar, ou qualquer influência que a obra possa exercer sobre o leitor, toda *narrativa* poderia ser pedagógica, sem prejuízo de suas outras dimensões. E, seguindo essa via, poderíamos chegar à conclusão de que o caráter pedagógico de uma *narrativa* é um efeito de leitura, dado que todo relato, toda ficção pode-se ler a partir do pressuposto de que contém um ensinamento [...] (Larrosa, 2001, p. 129, grifos meus).

A perspectiva epistemológica e metodológica assumida na produção das “narrativas pedagógicas” pressupõe um sujeito autor de seu percurso de formação e dos diálogos que estabelece sobre sua atuação profissional. Tal como afirmam – de formas diferentes, mas, nesse caso, convergentes – Benjamin (1985) e Larrosa (2002), entendo que a vida não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos como professores e professoras: narrar nossas histórias é, portanto, um modo de dar a nós mesmos uma identidade, pessoal e profissional. E as experiências que narramos nesse trabalho e desse trabalho nos dão, também elas, uma identidade que se revela em nossos dizeres e nas demais escolhas que fazemos. Elas mostram como diferentes sujeitos em diferentes lugares – tanto do ponto de vista geográfico como

institucional – trazem à tona suas memórias mais significativas, relacionadas aos acontecimentos que lhes foram relevantes, carregados de sentidos. Em todas essas experiências, uma mesma convicção: do quanto o registro narrativo é um exercício poderoso de metarreflexão e, portanto, de tomada de consciência de quem somos nós em diferentes dimensões da nossa existência, seja como educadores, seja como pessoas. Desse modo, as “narrativas pedagógicas” podem assumir o propósito de contribuir de algum modo para o aprofundamento das abordagens de formação e pesquisa que reafirmam a importância do exercício de autoconhecimento mobilizado pelo registro narrativo, colaborando indiretamente para construção de um olhar mais sensível para a escola, potencializando as aprendizagens dos alunos.

As "narrativas pedagógicas" inscritas neste livro foram o registro das experiências vividas enquanto um instrumento que possibilitou compreender os limites, os contornos e os diálogos estabelecidos entre questões da vida pessoal e profissional dos autores que as produziram. Estas “narrativas pedagógicas” foram essenciais para que esses professores e professoras pudessem compreender as bases teórico-metodológicas que os constituíram e que fundamentam suas atitudes e reflexões para pensar o que pensaram e fazer o que fizeram no âmbito de suas práticas pedagógicas.

Josso (2004) reflete sobre o processo de “estranheza do outro à estranheza de si” e, tendo em conta essa perspectiva, me parece que o que podemos inferir são duas possibilidades: uma delas teme a estranheza do outro em relação ao narrado e a outra, a própria estranheza que o narrado constitui para o próprio narrador.

Outro aspecto relevante é que escrever um texto narrativo pressupõe expor-se ao outro. E a necessidade de abordar reflexivamente uma experiência significativa remete a lembranças nem sempre agradáveis (quando desagradáveis, muitas vezes é negativa), ou a um sentimento de nostalgia (quando foi muito boa, mas “passou”), ou à recordação de períodos difíceis da vida, coincidentes com o tempo dos acontecimentos relatados... Enfim, esse é um tipo de situação que pressupõe a “organização” dos dados da experiência e para o qual nem sempre as pessoas estão afetivamente disponíveis em determinados momentos.

Como se pode ver, a escrita narrativa não é apenas um exercício de escrita...

Sabemos, enquanto professores, que escrever é sempre um exercício complexo, que não há escrita fácil, mas, por certo, a escrita narrativa tem suas singularidades, que, por vezes, trazem um grau de complexidade maior... As “narrativas pedagógicas” não são apenas narrativas de acontecimentos importantes, mas são textos reflexivos sobre esses acontecimentos. E que têm consequências...

O que poderemos compreender, a partir das narrativas inscritas neste livro, acompanhando o processo de produção narrativo com professoras e professores, é que, quando “o outro professor”, que é o destinatário do texto, é alguém que o sujeito-autor tem como referência e há uma relação de confiança, e a clareza do quanto essa narrativa é importante para a formação pessoal e profissional, estabelece-se uma relação de cumplicidade que permite o tratamento de questões pessoais e informações da maior relevância para o trabalho formativo. Registrando narrativamente nossas práticas, procurando compreender os fatos e acontecimentos do nosso cotidiano escolar, tornamos as “narrativas

pedagógicas” um importante instrumento formativo nesta perspectiva.

Admitindo, portanto, que somos esses “outros” de nossos alunos e sujeitos de histórias de aprendizagens singulares, a elaboração de “narrativas pedagógicas” que tem como objetivo proporcionar um contexto de produção que instigue cada professor a rever seu percurso formativo, rever sua trajetória escolar vivida e refletir sobre o desenvolvimento profissional em curso, parece-me uma experiência importante para ressignificar algumas memórias escolares e pensar as aprendizagens e suas condições de produção.

Das "narrativas pedagógicas" às "pipocas pedagógicas"

As “narrativas pedagógicas” a favor da formação reafirmam minha convicção do quanto as narrativas de si potencializam a análise sobre si mesmo, sobre o processo pessoal de aprendizagem e sobre a prática profissional. As experiências vividas e narradas confirmam que esse tipo de escrita é um exercício poderoso de metarreflexão e de tomada de consciência de quem somos nós em diferentes dimensões da nossa existência.

E as "pipocas pedagógicas" surgiram em nosso grupo de pesquisa, o GEPEC, a partir do encontro de professores que realizamos quinzenalmente desde 1996 - o Grupo de Terça do GEPEC - para partilharmos nossas experiências vividas e refletirmos sobre ela com o intuito de problematizar o cotidiano, construir possibilidades outras para o cotidiano do trabalho pedagógico nas escolas e produzir textos coletivamente para compartilharmos dessas nossas reflexões, como já apontou Ferreira (2005).

Especificamente, as "pipocas estouraram" em 2008, instigadas pela provocação de um dos participantes do grupo que se perguntou, diante de uma conversa sobre a indisciplina dos estudantes na escola, se nós, professores e professoras, não havíamos realizado, enquanto estudantes que fomos, também alguma indisciplina na escola. Desta provocação, inúmeras mensagens eletrônicas foram revelando o que foram e quais foram as indisciplinas realizadas por alguns participantes, sensibilizando-nos para senti-las, dado que muitas das indisciplinas relatadas por muitos não foram consideradas indisciplinas, levando a todos os participantes a olharem as indisciplinas vividas cotidianamente nas escolas também de um outro modo.

E dos encontros, das trocas, das conversas, dos diálogos, foi surgindo no grupo uma ligação, alguns sentimentos, alguns pensamentos - e não podemos precisar quais exatamente foram eles - que possibilitaram o compartilhar de histórias cotidianas que revelavam o interior dos processos de relação entre as professoras e professores, participantes do grupo, e os estudantes de suas aulas, de suas classes.

Estouraram as "pipocas pedagógicas"!!!

Como nos lembra Benjamin (1985) a ligação que o narrador tem com sua matéria - a vida humana - é uma relação artesanal e sua tarefa é trabalhar a matéria-prima das experiências - as dos outros e as próprias - de maneira a transformá-la.

Josso (2004, p. 219) nos diz que "o trabalho biográfico sobre si mesmo dá início à aprendizagem da implicação permanentemente em jogo, no trabalho individual e no trabalho coletivo". Tal implicação - com a própria formação, com os sentimentos que vêm à tona, com o grupo em que as "pipocas pedagógicas" foram produzidas e compartilhadas

– gera um sentido de responsabilização pelo que é exposto por cada um e pelos outros participantes da partilha.

Não foi diferente o que acontece com o grupo de professoras e professores do Grupo de Terça do GEPEC. Na medida em que os participantes foram se sentindo implicados com a formação partilhada decorrente dos registros das nossas práticas, existiu a possibilidade de descobrirmos facetas outras de nossa própria constituição pessoal e profissional, das quais ainda não havíamos nos dado conta. A implicação com estas descobertas, em muitos casos, foi nos impulsionando a exercitar, com nossos alunos e alunas, práticas formativas associadas à nossa própria prática de narrar e compartilhar o vivido e as experiências vividas.

Os leitores encontrarão neste livro 10 "pipoqueiras e pipoqueiros", como carinhosamente nós nos apelidamos, quando damos a ver narrativas de cotidiano do trabalho pedagógico. E como prefácio poderia muito bem apresentar cada uma dessas "narrativas", antecipando em palavras os sentidos que fui constituindo ao longo da leitura. No entanto, como pipocas que se comem, e ao comê-las, não conseguimos parar, não poderia oferecê-las murchas aos leitores que me acompanham neste meu texto. As "pipocas pedagógicas" que se apresentam a seguir, como pipocas que são, precisam de ser saboreadas, sentidas e apreciadas como narrativas do cotidiano que, ao serem lidas, instigam-nos a ler outra e outra e outra... O texto de Glória Pereira da Cunha, apresenta de outro modo o contexto de produção das "pipocas pedagógicas". As "pipocas pedagógicas" de Ana Maria Campos, Cristina Maria Campos, Maria Fernanda Pereira Buciano, Liana Arrais Seródio, Lucianna Magri de Melo Munhoz, Marcemino Bernardo Pereira, Maria Natalina de Oliveira Farias, Tamara Abrão Pina Lopretti e Wilson Queiróz, estão neste livro para serem

degustadas... E no posfácio, Maria Carolina Bovério Galzerani nos diz "do gosto que sentiu" ao apreciar algumas destas "pipocas pedagógicas"...

Como poderemos perceber nas "pipocas pedagógicas" expostas neste livro, o exercício da escrita de si é uma tarefa complexa, pois exige que, além do registro da própria trajetória profissional, cada autor reflita a respeito do que viveu – o que nem sempre é prazeroso e habitual –, mobilizando conhecimentos, saberes, crenças, emoções e o estabelecimento de relações não necessariamente percebidas até então.

Nesse contexto, meu entendimento é de que o resultado desse processo - da produção das "pipocas pedagógicas" - vai muito além do que é revelado no texto escrito – com certeza quem o experimenta aprende mais sobre si mesmo do que deseja ou consegue demonstrar. Além do mais, o que cada um expõe sobre si depende das circunstâncias de produção do texto, dos propósitos a que ele serve e do público a quem se destina.

A escrita das “pipocas pedagógicas” permite que aquele que escreve reconheça o seu “saber que sabe”, isto é, a percepção crítica das possibilidades, dos limites, das implicações e dos compromissos. Concordo com Rios (1999), quando afirma que, na posição de professores, quando tomamos consciência desse “saber que sabe”, não podemos nos recusar a tomar posição diante da realidade. E também, se considerarmos, enquanto profissionais da educação, que o desenvolvimento pessoal e o profissional são processos inter-relacionados, a escrita de si, das “pipocas pedagógicas” nos processos de ensino e de aprendizagem apresentam-se como uma atividade privilegiada, porque potencializadora do conhecimento de si e do outro, da própria vida e do próprio trabalho.

Referências

BAKHTIN, M. M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BENJAMIN, W. (1985) "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", in: BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*, v. 1, 3 ed. São Paulo: Brasiliense.

CERVERÓ, V. F. (1995) "La crítica como narrativa de las crisis de formación", in LARROSA, J. et all. *Déjame que te cuente - ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona, Espanha. Editorial Laertes. pp. 165-190

FERREIRA, C. R. (2007) "Uma experiência de produção coletiva de textos", in PRADO, G.V.T. e SOLIGO, R.A. *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas, São Paulo. Editora Átomo e Alínea. pp. 229-246.

JOSSO, M. C. (2004). *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez.

LARROSA, J. (2001). *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica.

LARROSA, J. (2002). "Notas sobre a experiência e o saber de experiência." *Revista Brasileira de Educação*, n.19. Campinas: ANPED; Autores Associados, pp. 20-28. [online]. Disponível em: Acesso em: 15 de maio de 2012.

PRADO, G. V. T. e SOLIGO, R. (2007). "Memorial de formação: quando as memórias narram as histórias de formação...", in: PRADO, G. V. T. e SOLIGO, R. A. (orgs.). *Porque escrever é fazer história*. Campinas-SP: Alinea, pp. 47-62.

PRADO, G.V.T.; CUNHA, R. C. O. B. e SOLIGO, R. (2008). "Memorial de formação: uma narrativa pedagógica de profissionais da educação", in: PASSEGGI, M. C. e BARBOSA, T. M. N. (orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, pp.135-152.

RIOS, T. A. (1999). *Ética e competência*. São Paulo: Cortez.

Pipocas pedagógicas

- a produção de 2008 do Grupo de Terça do GEPEC -

Gloria Pereira Cunha¹

Talvez seja possível pensar a leitura como uma oferta de contrapalavras do leitor que, acompanhando os traços deixados no texto pelo autor, faz estes traços renascerem pelas significações que o encontro de palavras e contrapalavras produz.²

Explosão de escritos: a produção do Grupo de Terça do GEPEC de 2008

A produção do GT em 2008 pode ser apresentada em números a partir das duas provocações que geraram os escritos:

1. Confissões: a primeira indisciplina a gente nunca esquece... como aluno!

Entre março e abril de 2008:

- 09 narrações de indisciplina enviadas à lista pelos autores: CrisHop, Glória, Edna, Liana,

¹ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada

² GERALDI, João Wanderley (2003). **Depois do 'show', como encontrar encantamento?**

Marcemino, Natalina, Rosaura, Wilson e a narração-desabafo da Mafê;

- 03 atas com “contação” de indisciplinas e debates presenciais: duas de Marcemino Bernardo e uma de Glória;
- 02 textos de apoio de integrantes do grupo enviados à lista por Rosaura Soligo e Ana Aragão.

2. Pipocas Pedagógicas: crônicas da hora!

Entre maio e dezembro de 2008:

- 65 crônicas enviadas e outras, incidentais, inseridas em outros textos;
- vários textos de apresentação das histórias ou de ressonâncias sobre uma história recebida;
- cerca de cinco diálogos-reflexões, diversas vozes, desencadeados a partir de algumas dessas histórias.

A incerteza dos números de textos e de autores é porque algumas histórias não foram postadas como histórias, mas aparecem no corpo do *e-mail* introduzindo outra história anexada, e outras estão narradas nas atas a partir do relato oral na reunião quinzenal e, outras ainda, aparecem no meio de um comentário.

A data refere-se ao envio do texto para a lista e, por esse motivo, elas divergem com as datas da reunião relatada.

PIPOCAS PEDAGÓGICAS: Crônicas da hora

Senhoras e senhores,

O Grupo de Terça¹ tem a honra de apresentar as Pipocas Pedagógicas: crônicas da hora, pipocas seriam assim uns escritinhos, coisa pouca, umas linhas ou um pouco mais se for do gosto do autor; pedagógicas porque seria da olhada de um professor, mesmo co(me)ntando algo de menino, dos tempos de aluno; crônicas... ahmmmahmm perguntem pro Marcemino² a idéia foi dele! Da hora porque é pra ser desencucado, de um momentico, da hora, aquele pensamento/ação que se perde no meio de tantos outros; não é a experiência com tanta ênfase e citação do Larrosa, é aquela que é igual a montes de outras, mas que na hora a gente olha pra ela diferente e ela vira 'da hora'... (CUNHA, GLÓRIA, 2008)

Grupo de Terça¹- Espaço do GEPEC aberto a todo educador interessado em discutir a educação e a vida (e a transformar grãos em pipocas pedagógicas).

Marcemino²- Professor de histórias no ensino fundamental, mestre pelo GEPEC, pipoqueiro lá das terças do GEPEC e fã de piruá.

Glória³ Cunha Percussionista, professora e pipoqueira do GEPEC; orientanda da Corinta.

Tudo aconteceu mesmo assim como está no *banner* que fizemos para o IV FALA outra ESCOLA, em 2008, e que foi retirado do *e-mail* que enviei para o Grupo de Terça do GEPEC tudo documentado, provado, comprovado e divulgado.

Em conversa por telefone com o Marcemino sobre como tinha sido produtivo o trabalho no grupo com as Confissões das Indisciplinas, comentávamos que começava a desacelerar. Os escritos tinham aparecido em quantidade e qualidade muito boas, mas algumas pessoas do grupo ainda relutavam em mostrar os seus. Afinal, estávamos na U- NI- CAM- P e nos obrigávamos a dar terminações mais acadêmicas aos textos, o que impedia um fluir maior deles, mesmo que não a sua fruição.

Falamos das pequenas dificuldades de escrever, porque afinal a Unicamp é a Unicamp, uma grande academia, e, por mais que queiram nos fazer crer alguns professores, aprendemos que temos de nos justificar para escrever qualquer coisa, mesmo que seja um acontecido pequeno, um olhar sobre a vida, uma olhadela que só eu dei e sei dela! Tudo deve ser justificado com antecedentes, inclusive esta letra em *caps lock*, que escrevo em *itálico* para ser perdoada pelo estrangeirismo para falar da transgressão em maiúscula, e Saramago vem em minha ajuda, já que gosta de letras grandes depois de vírgulas, mas ele pode, é Saramago e, afinal, quem somos nós para termos alguma consideração original? Se é que o original existe! E se não é tão original assim, deve aparecer com suas notas de rodapé, com nomes das pessoas que escreveram este original e seus textos com todas as palavras devidamente formatadas, porque, afinal, se não for assim, não será possível saber quem é o dono das palavras que vão dizer o que você viu e pensou, ou não sabem que é preciso dar nome aos bois?

Dizer quem é o dono das palavras, ou não sabem que o subversivo do Bakhtine foi exilado no Cazaquistão? Talvez seja por isto mesmo, pelo crime de roubo das palavras alheias, e o Bachelar já nos advertia com aquele arzinho entre deus e papai Noel, que “não há verdade fundamental, mas erros fundamentais”, e, apesar de suas boas intenções, isto só parece ainda mais assustador, e, então, é prudente deixar claro que não esta errando só, por sua culpa apenas, tudo é parte de uma quadrilha, e então temos mesmo de colocar o nome de todos os responsáveis pelas palavras, e é por isto, estas e outras, que temos de ter cuidado com as palavras! Não se pode esparramá-las assim pela página em branco impunemente como se estivéssemos escolhendo feijão para a panela , o que torna tudo muito difícil e acaba nos dando medo das palavras, mesmo quando a palavra nos (a)traí, mas isto não é desculpa para desrespeitar as normas, e não deveria ter ditescrito isto - a palavra nos (a)traí - de novo, já que, a poucas páginas atrás, isto lá está, e isso não é aceito pelas regras, esta repetição só acontece na vida e não nas páginas de um escrito para ser lido numa universidade, porém “As palavras são traidoras. A linguagem diz o que não quero dizer”!³ e “só usamos tão destramente a linguagem porque na realidade é ela que nos usa a nós. Ao falarmos, pronunciamos o tempo acumulado por todas as culturas.” ⁴ [...] as palavras não dizem o que deveriam, são de mais, são de menos, peço-lhe que me desculpe,[...] (Saramago,)

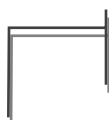
Voltando...

3 GERALDI, João Wanderley. Anotações minhas no IV COLE, Congresso de Leitura.

4 BERNARDO, João. **As palavras e as pedras**. In: ALMEIDA, Milton José. **Cinema arte da memória**.

Pensando nestas poucas e pequenas preocupações que temos quando tentamos escrever e que nos imobilizam, é que acabamos falando sobre uns textinhos que estávamos fazendo e que se pareciam; uns escritinhos assim, bem despreziosos, coisa pouca, alguns quase bilhetes de acontecidos sobre escola, alunos e que resolvemos propor ao grupo todo; eu, ansiosa, fui imediatamente para o micro e mandei um *e-mail* fazendo a proposta para o grupo que depois se transformou no *banner* do IV FALA.

Menos de uma hora depois que enviei esse *e-mail*, apareceu a primeira ressonância, vinda da Rosaura, e, ainda no mesmo dia, apareceu a segunda, vinda do professor Guilherme, coordenador do GT.



do baú

1ª. ressonância

de: **Rosaura Soligo** para: **[Grupo de Terça]**

quando: **terça, 29 de abril de 2008, 14:30**

assuntinho: **Pipocas Pedagógicas**

Amei essa das pipocas! Parabéns aos autores dessa idéia maravilhosa.

Infelizmente não poderei de novo ir ao encontro de hoje.

um abraço e boa tarde a todos

Rosaura

PS. Vejam se esta minha (abaixo) seria uma crônica da hora, que, embora com certeza do gênero pipoca, não sei se é exatamente das pedagógicas - talvez esteja mais para as psicológicas... Rs.

2ª. ressonância

de: **Guilherme** para: **[Grupo de Terça]**

quando: **terça, 29 de abril de 2008, 19:30**

assuntinho: **Pipocas Pedagógicas**

Gloria e queridos!
Adorei as Pipocas pedagógicas!
É isso que precisamos para podermos
“estourar” em reflexões e mostrar que dentro de
cada amarelinho que somos, existe um branco
em forma e conteúdo, cada um, muito diferente
do outro [...]

Retirei do baú as ressonâncias enviadas por Guilherme e Rosaura porque é importante que estejam nesta *genesis* das Pipocas. De pouco ou nada adianta lançar grandes ideias, quando se trabalha em grupos, menos ainda quando o que é lançado são pipocas, coisas efêmeras; a rede necessária para uma ideia surfar num grupo depende do abraço que as outras pessoas dão ao colocado; é ele que faz com que a ideia cresça, ou estoure, e se espalhe pelo grupo como nos aconteceu.

A primeira história não foi um relato de sala de aula, mas é o diálogo de uma professora com um taxista que, entre outras pérolas, explicita o senso comum sobre nosso fazer, oscilando entre nos ver como heroínas, carrascos ou vítimas. Mostra a marginalidade profissional em que temos sido jogadas. O desprestígio da profissão no mercado de trabalho se esparrama para dentro da sociedade e não nos torna modelos viáveis, competitivos, aos olhos de nossos alunos e ao seu entorno.

PAULISTANAS NATURALMENTE INVASIVAS

- Boa tarde.
- Boa tarde. A senhora vai pra onde?
- Fernando Paes de Barros.
- A que altura?
- Mais ou menos 1.000.

- Perto da Juscelino?
- Perto.
- Sabe senhora, estou morrendo de fome! Logo ali tem um frango assado que é uma beleza!!!
- É?
- A senhora já almoçou?
- Eu não.
- Então nem vou ficar falando de comida...
- É bom mesmo.
- Hum... Sabe que segunda-feira eu fui doar sangue, né? Daí o doutor perguntou 'o que o senhor fez ontem?' e eu respondi 'Ah!, doutor, eu comi pin boliviana e frango assado no vinho, que a minha mulher faz – uma maravilha' e ele perguntou 'E o que mais?' e eu disse 'Uma cervejinha, né, doutor, que ninguém é de ferro. Antes, durante e depois da comidinha'. Então ele falou que não podia, que só pode doar sangue se tiver há 36 horas sem beber nem sequer uma cervejinha...
- É verdade. Precisa de 36 horas.
- Coitado... Nem em 20 anos eu junto 36 horas sem beber uma cervejinha.
- E o que é essa tal 'pin boliviana'?
- Ah!, dona, não sei explicar não. Esqueci, minha mulher é que sabe os ingredientes. Mas é que nem uma caldeirada.
- Ahã...
- Só que caldeirada é muito caro, né? Lá na Rua dos Pinheiros tem. E tem também camarão na moranga! Hummm... Meu Deus! Só que custa 80 reais pra duas pessoas! A senhora pode imaginar?
- É. É caro mesmo.
- Desculpe perguntar, mas qual é sua classificação profissional? É advogada, é?
- Não, sou professora.
- 'Hei de vencer mesmo sendo professora'?
- É. Mais ou menos.

- Então me responda: quanto é uma soma de três números diferentes um do outro blá, blá, blá, blá?
- Xi, não sei nada de números. Meu negócio são as letrinhas.
- Hum, sei. A senhora ensina criança a ler, né?
- É... mais ou menos.
- Com um porrete na mão!
- Acho que não precisa disso tudo...
- Ou com uma arma?
- O senhor acha isso, é?
- Ah! é! A senhora não viu a reportagem de ontem na televisão? Blá, blá, blá...
- Hum...
- Os alunos vão de arma na escola!
- Hum...
- É essa a rua?
- É. É essa.
- E a senhora vai onde?
- Ali naquele prédio.
- A-se-nho-ra-vai-no-pré-dio-da-Anbev?!?!?!?!?!?
- Sim, quanto deu?
- A-se-nho-ra-vai-no-pré-dio-da-Anbev?!?!?!?!?!?
- Sim, quanto deu?
- Meu Deus! Não me diga... Dez.... mas então me responda: quanto é uma soma de três números diferentes um do outro blá, blá, blá, blá?
- Boa tarde, meu senhor, boa tarde.

A segunda a pipocar demorou uma semana e foi CrisHop, mas chegou com tudo. Envio três histórias, as famosas pipocas doces Vovózinha, as que mais gosto. Essa pipoca fala de duas crianças que são meus alunos este ano, achei melhor não colocar seus nomes e chamar cada um com o nome do seu herói preferido, conforme a autora. Estas histórias foram o início de uma série de

histórias com a mesma turma de crianças, na qual pudemos acompanhar o desenrolar cotidiano de aprendizagens como se fosse quase um seriado da TV.

A primeira das histórias começa com a apresentação daquele que se tornou o meu personagem predileto, o Super-homem!

Eu sei, ela sabe e você sabe!!!!!!!!!!!!!!!

Super-homem tem 06 anos, não fala com ninguém, passa o dia desenhando entregando seus desenhos para mim. Quando peço alguma explicação sobre os desenhos, simplesmente olha, ri e volta ao seu lugar. Acredito que pensando “pobre mortal”. É lindo e introvertido.

Pipoca com e-Boa

“[...] é de humano costume declarar o que somos antes de dizer ao que vimos, mormente em caso de tanta importância [...]” (Saramago, 77)

Cá entre nós, todo o “converse” anterior é necessário, para que fiquem um pouco mais sérios e acadêmicos os acontecidos, mas nada aconteceu com tanta nota de rodapé e clareza. Quando leio este levantar de história pessoal, ou de um grupo, sempre imagino as pessoas fazendo isto previamente e chegando às conclusões que levam à pesquisa em si, à decisão de fazer isto ou aquilo.

Acredito que muitos o façam, mas não é esse o meu caso. O que houve foi uma grande confusão. Estava me sentindo exatamente como escreveu, em 2009, Paulo Freire, em seu último livro:

Teve uma época na minha vida que não sabia se ia por aqui ou por ali. Parece que isto é normal. O mundo é muito variado. Resumindo, estava bem perdido.⁵

Então, no meio da confusão entre ter uma dissertação para escrever e, ao invés disso, me centrar em me descentrar lendo os escritos alheios, entre os batuques do maracatu, um dia resolvi imprimir as Pipocas e suas conversinhas todas. Chamo de conversinhas o que vinha junto com elas, os recadinhos de quem enviava e os comentários que se seguiam, alguns formando verdadeiros debates.

Arrumei e imprimir tudo, levei pro meu quarto e fiquei olhando pra elas e, ao nosso lado, repousava o Para uma sociologia das ausências, o texto que me acompanhava aonde eu ia e que, naqueles idos, lia começando em qualquer parte, relendo o que parecia não ter lido ainda, como se fosse um poema, me entende?

As aparições do e-Boa aconteciam tanto na Tainã quanto nas minhas leituras das Pipocas, mas que eu tentava dar um ar menos esotérico quando escrevia para o professor Guilherme, coordenador do Grupo de Terça.



do baú

e-mail para o professor Guilherme Prado

[...] comecei a pensar no Grupo de Terça como a experiência do GEPEC que mais contribui para a ampliação de experiências pedagógicas; e disto passei a ver as Pipocas como a mais bela tradução

⁵ Paulo Freire escrevendo em 2009? Sim, este é também nome de um amigo violeiro que também, como seu homônimo, é escritor. FREIRE, Paulo. (2009). **Nuá**. As músicas dos mitos brasileiros, p.16.

da sociologia das ausências, porque cada uma expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, nos quais essa multiplicação e diversificação ocorre pela via da ecologia dos saberes (Pipoca da Liana), dos tempos (Pipoca da Liana), das diferenças (Pipoca da Mafê, do Marcemino, da Cris e a da Rosaura, com o taxista menosprezando a profissão da cliente), das escolas (todas as Pipocas), e das produções, porque cada Pipoca recupera um sistema alternativo de produção – conhecimentos /estratégias /técnicas pedagógicas - que a ortodoxia produtivista capitalista ocultou ou descredibilizou, aqui representada pelas políticas públicas que têm transformado cada vez mais a Educação em um bom negócio, criando programas (com auxílio de micros, TVs e que tais) que tornam o professor um papagaio bem treinado, e nos quais sua experiência com seus alunos não deve ser vista como geradora de conhecimentos.

Buenas, só agora estou vendo isto ligado, porque me dei conta de que não tinha lido várias das Pipocas. Aí comecei a organizar um arquivo com cada uma e o e-mail de envio (que às vezes revela muitos outros sentidos) e alguns dos comentários prá lá dos adorei!

[..]você tem este olhar que adoramos receber e enviar (também reveladores pra quem gosta de seguir pistas!).

Para os autores, o registro da prática provocava reflexões e ações educativas, e o envio para o grupo gerava comentários; eles provocavam uma nova onda de reflexões e ações, e isto foi um bom motivo para continuarmos a escrever histórias e comentá-las.

Com a organização das histórias, comecei a ver outros valores, que vão para além de um movimento de grupo de autoajuda pedagógico, não que isto seja pouco!

Professor é um profissional que vive rodeado de gente, mas muito só.

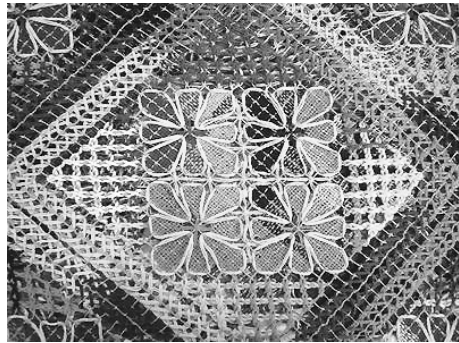
Ele está rodeado de alunos, mas o trabalho em si é muito solitário: todo o tempo ele está tomando decisões sem o respaldo de uma equipe, de um grupo de apoio.

No momento da sua *performance* de professor, ele é tão solitário quanto um pianista num recital solo. Claro que muitas pessoas existiram e fizeram os movimentos necessários para a sua atuação acontecer. Houve pesquisadores, compositores, digitalizadores, copistas, editores, professores, construtores de instrumentos e de prédios, colegas de estudos, seus familiares, enfim muitos contribuem para o desempenho, mas ambos, o pianista e o professor, estão sós quando usam destramente os sons, notas ou palavras, quando interpretam conhecimentos.

Primeiro li as Pipocas na ordem de chegada na lista do grupo.

Vi como uma escrita se emaranhava na outra, ajudava, instigava, coisa que já havíamos falado e comentado nos encontros.

Cada Pipoca era uma cor que formava bordado novo, que caminhava como uma linha colorida no filé, que forma uma flor, depois vira traço, começa outro desenho e acaba. Era assim,



deste mesmo jeito: uma história provocava respostas, outras histórias ou reflexões, ou mesmo debates, até que ou por exaustão ou por outra novidade-pipoca postada, ela acabava, igualzinho mesmo o desenho destas rendas

nordestinas, o filé, que acabam quando acaba a linha e só, sem finalizar ou olhar para o que passou, só outra cor emendando e continuando.

Depois separei por autor e fui lendo o conjunto de cada um, dando-me conta do sabor diferente de cada autor. Já conhecia o estilo de cada um, mas agora era um pouco como separar as jujubas por cor e comer as vermelhas, primeiro, depois as amarelas, me entende?

Assim, comecei a sentir mais o gosto de cada autor, suas abordagens, alguns, diretos, e outros, rodeando o acontecido, também comecei a enxergar as crianças e a sala de aula dos professores do ensino básico, já que os personagens-alunos mantinham-se nos vários textos.

Colocar todas as descobertas que fiz a partir destes escritos, que ganharam para mim importância até maior que as dissertações e teses no entendimento dos movimentos gerados numa sala de aula, seria tarefa para muito mais tempo do que disponho.

Como recortar?

Primeiro trabalhei com os textos “pré-Pipocas”, as indisciplinas, mas elas não me motivaram o suficiente; são muito interessantes para mostrar o Grupo de Terça deste início de escritos mais descompromissados com a escrita acadêmica, mas não serviam para o que mais quero apontar. Já no final do desespero do “tenho que acabar esta dissertação”, percebi que tinha de fazer uma escolha, coisa difícil, porque cada autor me levava para um universo diferente.

Optei pela produção *pipocal* de dois professores do grupo, Cristina Maria Campos, a CrisHop, e Marcemino Bernardo Pereira, pela admiração que sinto por seus relatos teletransportadores, que me levam a outros mundos.

Princesa de Sedna e a Liga da Justiça

Um dos universos em que me enfiei com as Pipocas foi o da CrisHop, chamada assim porque fez sua dissertação sobre Hip-hop na escola. Nas histórias e também ao vivo, nas aulas, os alunos dela são chamados pelos nomes de super-heróis, de piratas ou por seus sobrenomes, sempre de acordo com combinações prévias, coisas lá entre eles, povinho que está no segundo ano do Ensino Básico de uma escola da periferia de Campinas. Ela literalmente me levou para outros mundos e também aos seus alunos...

Pirada? NÃO. Pirata!

[...] Eu brincava com eles que era de Sedna, um planeta descoberto em 2004 e que tudo lá era minúsculo, por isso usava mini-saia aqui na Terra, um planeta pra lá de estranho.

*E para eles terem idéia da minha Sedna, um lugar gelado e escuro, muito longe do Sol, li para eles durante o ano todo **O Pequeno Príncipe**, lia duas linhas por dia, não queríamos que acabasse.*

Poderíamos pensar que foi apenas uma maneira criativa de passar o tempo com os alunos, mas muito mais coisas ela retira disto, vai ouvindo:

É claro que toda a estranheza da Terra era enorme para minha pessoa uma ET, não sabia de nada, nadica de nada do que se passava aqui. Então as produções de texto eram diárias. “Pra que serve um Médico”, “Porque ir ao banheiro”, “Pra onde vão os dentes quando caem”, geralmente eram sobre os assuntos falados em sala, e pra tudo eu fazia um carnaval e exigia uma explicação.

— Como uma bexiga foi parar dentro da sua barriga? Ela estava cheia ou vazia quando isso aconteceu? [...]

Tive até aula de Ciências nesse assunto e aprendi muito. [...]

Um dia o pirata G. chegou com um tesouro debaixo do braço e um sorriso no rosto, era um Atlas Universal, e lá, em alguma folha do meio, estava Sedna e toda a sua história, e era bem longe do Sol mesmo e também pequeno.

Assim fizemos a nossa viagem de piratas procurando lugares para serem explorados na Revista Terra, recortando palavras desconhecidas e lugares bonitos, e tudo isso ia para o nosso Baú de Tesouros, aqueles saquinhos dourados que vêm dentro do café Mellita, mas, é claro, para eles era o ouro de Sedna e, por isso, bem cuidado e guardado.

*Nosso Baú depois se transformou em texto, e os textos **Histórias de Vida** foram apresentados aos pais no final do ano.*

Prô, eu também “sô” robô!!!

*Como sou de Sedna, sou um robô, por isso minha turma de heróis/piratas já assistiu alguns filmes sobre o assunto: **Eu, Robô e Inteligência Artificial**, sugestão deles, e, por último, **O Mágico de Oz**, sugestão minha.*

*Este último foi o mais engraçado, porque foi o que mais mexeu com o assunto, o **Homem de Lata** enferrujado e depois enferrujar quando fica na neve. Isso foi demais para eles, que começaram a reparar em algumas coisas:*

— Prô, você tem medo de enferrujar, é por isso não toma água? Pirata A Bordo. [...]

Hoje a Pirata L. chega atrasada e vai direto pra mesa e fala:

— Prô, prô! Empurrando todos que estavam na frente dela.

Depois de mil empurrões e reclamações ela consegue falar:

— Prô, descobri que também “sô” robô, igual você. Um sorriso enorme.

— Como? Pirata Fortão.

— Cheguei do médico agora e ele falou que tenho uma saúde de ferro!!!!

Pipocas do Coração

No Planejamento do começo do ano aparece: Órgãos do Corpo Humano, estranhei, pensando que estamos no 2º ano e, de repente, temos coisas mais importantes pra estudar.

Pra não ficar muito, muito chato, espalhei pela classe revistas e livros sobre o assunto à espera da melhor hora para entrar no tema. O que não foi muito difícil, sendo eu de Sedna e desconhecendo totalmente um Corpo Humano [...]

Em outras duas Pipocas, ela conta sobre a experiência de troca de correspondência entre seus alunos do segundo ano de uma escola pública e os alunos uma escola particular, tudo feito e organizado como se deve, com planejamento e conversas de e-mail entre diretoras e orientadora pedagógicas das duas escolas.

Eu contei pra S.!

*Esse ano, meus piratinhas passaram por uma experiência maravilhosa segundo eles. Escrever e receber cartas da **Escola Curumim**. [...] Uns escrevem e trazem para ler, outros pedem pra corrigir ou ajudar a responder, deixo livre para cada um fazer do jeito que achar melhor, eles sabem que esse é um momento deles.*

Eles são igualzinho à gente!

[...] Na escola a preocupação da diretora, OP e professoras:

- Eles são melhores que os nossos?*
- Eles sabem que nossas crianças são pobres e alguns favelados?*
- Você não tem vergonha de pagar mico não?*

Cada criança levou sua carta para casa, leu com os pais, explicou novamente o projeto para os pais, e ficamos de escrever as respostas ontem.

Então conversei com cada um sobre o conteúdo da carta recebida, como ia ser a resposta, o que tinha achado da carta,

do novo amigo ou amiga, se tinha estranhado alguma coisa. Pensando como a equipe da escola.

As respostas foram deliciosas:

— Cris, tá na cara que você não dá aula nessa escola, olha que força a menina colocou no lápis.

— Eles são iguais à gente, tem uns que escrevem com letra de mão e outros de forma.

— Nussa, nussa você viu que tem um monte de pai separado igual ao meu.

— Lá é melhor porque na classe tem mais meninos, aí eles não perdem na votação para as meninas, aposto.

— Prof^a. você viu que todo mundo gosta do Ben 10, do Homem Aranha e por sorte ninguém falou em Xena.

Aí o Mosquitinho Elétrico solta:

— Eu não entendi ainda porque eles estudam na escola particular se eles são igualzinho à gente.

Comecei a sentir o gosto do cotidiano de cada um na escola, ver como lidavam com problemas grandes, mas principalmente com os miúdos.

Parece pouco? Para mim foi muito!

Faço Mestrado em Educação, mas nunca vivi este cotidiano de professora de escola, acompanhando todos os dias uma turma, e nem Paulo Freire ou Freinet, para citar os queridos, podiam ter me mostrado isto; já havia lido sobre alguns métodos de ensino ao longo da vida; acompanhei de perto os primeiros anos escolares de minha filha numa escola cooperativa de pais e professores e, depois, no que era permitido, em uma escola pública; discutimos no GEPEC temas fundamentais que percorrem as salas de aula como indisciplina, etnia, apatia; sabia algo sobre a gestão das escolas; aprendizagem dos 12 meses que trabalhei como assessora da Secretaria Municipal de Educação; mas, afinal,

a última vez que estive no dia a dia de uma turminha do Ensino Fundamental foi como aluna e chamava-se Primário!

O que essas narrativas pequenas, as Pipocas, me mostraram foram os improvisos, as epistemologias criadas no sufoco do imediato, na resposta que não pode esperar para depois, porque aquela criatura de 6, 7 anos está ali, espera por você, e não dá para dizer, como fazemos confortavelmente no ensino superior: me mande as perguntas por *e-mail*!

O que você faria se um dia você encontrasse sua classe atordoada, alguns chorando, todos se lamentando, porque uma letra vai ser tirada do alfabeto?

Na Pipoca “Vão tirar uma letra no meu nome”

Comecinho do mês de abril, trabalhando a história dos nomes, produção de textos, poesias, pesquisas e questionários mil para os pais. Porque eu me chamo...

Uma manhã de calor que prometia, aquele dia não passaria, chego à fila e encontro um festival de choros, lamentações e caras tristes.

Na sala não consigo me comunicar, pois o choro é grande. Pergunto:

- Morreu alguém? Tem alguém doente? Ah já sei o Palmeiras perdeu!!!! Tentando trazer um pouco de alegria aos Corinthianos. Continuo sem resposta.

Quando já estava quase gritando o guarda, Vitinho fala:

- É que eles... e começa a chorar alto de novo.

Bem preocupada olhei para sala procurando um aluno que estivesse em melhores condições de falar, dei de cara com o Gabriel, muito triste, mas sem chorar que falou:

- É que vão tirar uma letra do nosso alfabeto e eles tão com medo que seja a letra do nome deles.

- Quem vão tirar? - Perguntei.

- Ai Prô você não assiste televisão, não sabe de nada, ai como você irrita a gente. E pior que você sabe, até parece de propósito. Estava muito bravo, pela minha total falta de informação num assunto sério.

Todos os dias eles vinham com mil perguntas sobre a televisão e a única resposta minha era:

-Não sei, não vejo televisão. - Mas entendia que aquilo era um crime, porque a vida deles, suas paixões, heróis acontecia ali.

Ele me explicou:

- No Jornal Nacional passou uma matéria e falou que algumas letras vão sair do alfabeto e nós achamos que pode ser do nosso nome e vai ficar muito feio ou tem que mudar. Se tirarem o G eu terei que chamar Abriel e não quero.

Nessa hora todos pararam de chorar e começaram a me dizer como ficariam os nomes:

- Eu vou chamar Itor, fala o Vítinho já calmo. Se tirarem o V. E não quero é “horrorível”

- Eu vou ter que chamar Odrigo. Se for o R.

- Eu vou chamar Iúlia, disse a Giúlia.

E deixei correr o desfile de nomes de A ao V.

Depois perguntei de novo sobre a matéria, não podia falar que eles não haviam entendido, embora pensasse isso.

Pra procurar informações em outras salas, combinei que iria sair um de cada vez da sala pra lavar o rosto, beber água e se acalmar e enquanto eles faziam isso fui atrás da informação certa.

Não consegui nada, ninguém, assistiu JN na noite anterior. Pra conseguir trabalhar e ganhar tempo pra entender o que acontecia combinei com eles o seguinte:

- Bom, vamos escrever uma carta para o Presidente, falando pra ele, que nós aqui de Campinas, da Francisco Ponzio não queremos que o nosso nome perca nenhuma

letra. Uma luz no fim do túnel, com uma esperancinha no rosto pergunta o Vitinho:

- Nossa Prô será que ele vai ouvir a gente?

- E a diretora vai deixar? Falou a Gabrielly.

- Não sei, vamos escrever a carta pedindo isso e depois a gente escreve um texto escolhendo uma letra para tirar do nome e fala que se tiver que mudar, a gente quer escolher a letra. E vamos ver o que vai dar.

Assim passamos à manhã escrevendo ao presidente e escolhendo uma letra para ser retirada do nome, caso isso acontecesse. Uma manhã que voou e acabou cheia de risos com os novos nomes existentes na sala.

À noite em casa meu irmão que também não assistiu o Jornal, disse que no trabalho o pedido foi:

- Pergunta pra uma das suas irmãs que são professoras se o K o W e o Y já não fazem parte do alfabeto? Porque ontem no JN saiu que elas vão passar a fazer parte do alfabeto agora.

Uma bobagem, um mal-entendido, gerou a confecção de um texto coletivo cuja motivação – por que escrever e para quem - estava dada pela vida e pela preocupação das crianças e não por um plano prévio. Mais do que isto, um texto que, ao ser construído, constrói cidadania e ensina resistência a algo com que não concordamos.

Muitos professores, por inexperiência ou por rigidez, talvez só afirmassem para as crianças que elas haviam entendido mal e começariam a cumprir rigorosamente seu plano de aula, descolado da realidade à sua frente.

Não estou defendendo que não haja currículos e planos de aula. Todo improvisado em música é feito a partir de uma montanha de referências - padrões rítmicos, escalas, encadeamentos harmônicos e outros – que são estudadas, trabalhadas, para poder fluir quando se improvisa, no diálogo com outros músicos, quando em grupo, no diálogo

consigo mesmo, com este seu momento, quando se está tocando sozinho. Improvisado é fruto de diálogo.

É destes tipos de improvisos de professor-intérprete que falo aqui, não o fazer por não ter planejado, mas aquele que é construído no diálogo com os alunos, aquele que conversa com suas preocupações, com sua vida, sem esquecer que existe um programa a ser cumprido, que existe um planejamento, que as crianças devem aprender determinados conteúdos.

Ambos, professor e músico não apresentam coelhos tirados da cartola, mágicas que surgem. Suas produções têm a ver com infinitas outras vozes das quais eles se tornam intérpretes à frente da classe. Ambos, o pedagógico e o musical, partem de ouvir o outro e fazem construções que se dão nos espaços do entre. Uma boa aula é uma construção entre o professor e seus alunos, como uma improvisação se constrói entre o músico e o público.

As formas com que as crianças da CrisHop se chamam dão margem a vários estudos, pesquisas sobre os super-heróis, sobre os Piratas. Vai ouvindo...

O Herói da Semana!

Após um semestre estudando todos heróis possíveis e imagináveis que frequentam a Sala de Justiça, entra em ação o combinado com todos no início do semestre, o projeto “O Herói da Semana”.

O herói escolhido seria o projeto de estudo de uma semana toda, com direito a roupa, poesias, textos, desenhos no vídeo e feitos por eles, recortes, cartas, fotos, mural de exposição e tudo mais que a imaginação da Sala permitisse. [...]

Agora qualquer distância é longa!

Este trimestre estamos trabalhando história da vida de cada aluno e todo ano começamos pelo nome, família, coisas assim.

Resolvi mudar um pouco e ficar mais tempo no nome, ou melhor, no sobrenome. Combinamos que nesses meses de maio e junho todos iriam chamar os amigos pelo sobrenome. Muito legal, mas quando uma criança fala:

— Campos. Fico mais perdida que eles, que erradamente pensei que ficariam. [...]

nesse meio tempo descobri a G., uma delícia de menina [...]

Quinta passada ela chegou eufórica [...]

Na sala, ela nem guardou a bolsa e veio gritando:

— Campos, ontem no mercado achei a Fuji, a Gomes, casada com o Costa, e a Gomes de Sá sozinha, riu deliciosamente.

Abriu a bolsa e tirou um filme de máquina Fuji, sobrenome da Tha., uma lata de atum Gomes da Costa, sobrenomes da Gigi e do Gabi e falou do bacalhau Gomes de Sá, sobrenome da Male.

Foi delírio geral, todo mundo amou.

— “Nussa”, Campos, não sabia que o sobrenome era tão legal assim. Fala do Carvalho que dias depois se descobriu árvore.

Hoje, na reunião de pais, a mãe da G. pediu desculpas às mães das crianças e disse que não conseguiu fazê-la desistir da idéia.

As mães disseram que entenderam a brincadeira dela e só fizeram uma reclamação:

— Cristina, qualquer distância agora é enorme, porque eles andam olhando cada cantinho pra achar um sobrenome, seu ou de um amigo, para trazer na classe e fazer mercado então:

— Affffffffff

Nos escritos da Cris encontro também como ela cria cumplicidade com os pais no cotidiano escolar das crianças, como mostram o texto acima e o das correspondências entre escolas, e vai se construindo como professora, mudando hábitos, obrigando-se a assistir televisão porque, como conta na Pipoca:

Você não assistiu o Jornal Nacional?

Após vários embates com meus pequenos heróis sobre televisão, me restou a rendição. Organizo-me todos os dias pra ver pelo menos um programa indicado por eles, afinal não posso perder um debate, adoram quando joga a toalha.

Então passo as minhas tarde entre a Xena, Bem 10, Chaves, Todo Mundo Odeia o Chris, Liga da Justiça, As Visões da Raven, X Men, Uma família da Pesada e um monte de desenhos japoneses que ainda nem guardei o nome.

Uma professora que vive a escola, que não é se sente responsável apenas pelos alunos designados para ela naquele ano, vive tanto a sala-de-aula, quanto o “espaço do meio”

O Fantástico Mistério de Feiurinha

Na escola tenho um comportamento que não agrada a maioria dos professores e me “custa” mil broncas da diretora, [...]

Eu vivo a escola, converso com alunos no corredor, aposto corrida com outros, brinco de cerca viva, pulo corda, pego a colher na mão fingindo que tomo a merenda. Só que quase tudo isso no “espaço do meio” do horário de aula, quando eles saem para o banheiro ou “biblio” e eu para pegar algum material na sala dos professores ou “biblio”.

O bom é que rimos muito quando nesse “espaço do meio” somos surpreendidos pela Diretora que dá uma bronca. Claro que depois.

E o positivo é que conheço todos os alunos que estudam no meu período e uma grande parte do outro e já viramos amigos. [...]

O ano de 2008 chegava quase ao fim. Em novembro Cris nos avisa por e-mail:

As pipocas a partir de agora serão sobre transição. Estou preparando meus pequenos para outras professoras, sei da necessidade porque ainda acompanho o sofrimento dos alunos do ano passado que vivem na porta da sala, ou nas conversas com as mães.

Um ano de debates e ainda não consegui entender a escola e porque ela é tão ÁRIDA, porque ela recusa risadas, olhares, palavras e vidas produzidas pelas crianças e adolescentes que vivem nela.

Procuro a Pipoca mais adequada para terminar este escrito sobre a Princesa de Sedna e reluto entre alguns, os da transição, quando as crianças vão, aos poucos, despedindo-se da professora robô, alguns querendo adotá-la como irmã e outros desenhando corações para torná-la gente, ou o do aluno que ela encontrou depois de 15 anos. Por mera curiosidade resolvo ler uma de 2009, que nem deveria estar no meu inventário, segundos meus critérios de só escrever sobre as de 2008, mas que me invade.

Esta Pipoca final foi enviada em 6 de março de 2009. Ela vai inteira, sem retalhar, sem recortar, sem fatiar, para proporcionar a quem leia a mesma emoção, aquele “prazer da pura percepção”, que nos conta e canta Leminski, aquele que transforma “os sentidos em crítica da razão”, reencantam.

Meu Príncipe!

Em 2008 Wally era o Herói Pica-pau, depois o Pirata Guardião, alegre, brincalhão, ninguém sabia que ele teve Meningite aos 04 meses e ficou 15 dias em coma.

Para todos os amigos, Wally era apenas enrolado demais, e estava sempre à procura dele mesmo. Por amor, respeito e amizade aprendeu também com os amigos as letras do seu nome, alguns números, a dividir o material, o Jardim Japonês, a leitura de um livro:

— Quem quer ler comigo? Todos sabiam que o “comigo” era na realidade “para mim”. E todos queriam.

Mas a professora de Ed. Especial e eu sabíamos que Wally tinha um Diagnóstico “Hidrocefalia Moderada” sequela da Meningite. Mas isso era o de menos pra Sala de Justiça. Wally era muuuuuuito legal.

Depois descobri que a mãe não suportou a doença e deixou Wally para trás, tinha uma filha pra “Fama”, então seus dias eram Raul Gil, Globo e Agência de Modelos. E Wally:

— Nunca vou ser como a Winnie irmã.

Um dia, para pôr fim à tristeza de Wally, falei:

— Não vai ser mesmo. Você é mais bonito, inteligente e tem uma coisa, é um Príncipe, o Meu Príncipe. Conte para ele e os amigos a história dos meus heróis da Infância: Príncipe Planeta e Príncipe Safiri, todos já conheciam o Pequeno Príncipe.

E todas as manhãs eu falava:

— Meu Príncipe...!!! E os amigos ajudavam:

— Príncipe da Prô....

Wally, Pica-pau e Guardiã sumiram, só existia o Meu Príncipe.

Uma semana depois, a Psicóloga do CEI liga na escola pra contar que isso foi muito importante para ele. Que pela primeira vez desde os 05 anos ele chegou ao CEI falando.

Fim de ano, infelizmente não pude ir com os Piratas, nem com meu Príncipe para o ano seguinte, nos despedimos com a promessa de:

— Prô você vai “na” minha sala falar Bonjour?

— Sim.

2009, 17 de fevereiro, chega à fila a mãe do Meu Príncipe:

— Cris, você pode me ajudar? O Wally não “qué vim” na escola porque a Norma não “chama ele” de Príncipe. Olho pro Meu Príncipe, triste, abatido, o chamo no cantinho e falo:

— Príncipe querido, a Norma não pode te chamar de Príncipe porque você é o MEU PRÍNCIPE, nem do seu pai, nem da sua

mãe ou da Lê. Quando você crescer, nem sua namorada, amiga, esposa, ninguém pode te chamar de Príncipe, tá?

— Nem quando eu for do tamanho do Guarda Belo?

— Não, porque, aí, eu vou ser velha igual Rhéya Silvia, e, mesmo assim, você vai continuar Meu Príncipe!

Com um sorriso ele balança a cabeça e corre animado pra fila, contando para os amigos:

— Ainda sou o Príncipe da Prô!!!!

Falo com a mãe que esse é um dos caminhos, se precisar tentamos outro.

Segunda-feira chego à escola e a Norma vem para meu lado com a maior cara feia e fala:

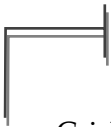
— Cristina Campos (reflexos da diretora) sua..., esquece o Wally. Sem entender pergunto:

— Por quê? Uma vez meu aluno, para sempre meu aluno. Penso eu.

— Porque agora não posso nem olhar pra ele que ele fala com uma cara de espanto:

— Não me chama de Príncipe, sou Príncipe só da Prô Cris!! E isso mil vezes por dia.

Perplexidades do professor



do baú

Ressonância da Pipoca Meu príncipe, da CrisHop

---- Original Message ----

do: marcemino

para: gepec_gt@grupos.com.br **enviado:** 06 de março de 2009

Assuntinho: Re: [GEPEC - Grupo de Terça] Pipocas saudadas de 2008.

Oi Cris

Lindo demais o seu texto, e para mim foi quase um "puxão" de orelhas. Temos também lá no Melico as nossas crianças "especiais" e confesso que me esforço muito para conseguir trabalhar com elas da mesma maneira com que trabalho com os outros, mas permaneço num foco por demais iluminista e racional, procurando tratá-los apenas como "cidadãos de direitos". Mas lendo a sua pipoca entendi que a dimensão é outra, eles merecem sim, serem tratados como Príncipes e Princesas justamente por serem isso mesmo, especiais, que nos mobilizam, encantam e emocionam. Na segunda feira vou tentar outro olhar sobre eles, este que tomei emprestado de você.

Dos muitos e-mails que as Pipocas da CrisHop provoca em resposta, escolhi o do Marcemino, porque ele exprime a forma como ele se apresenta ao grupo: perplexo e em reconstrução.

Ele é a única pessoa que eu conheço que afere um cronômetro pela respiração.

Já no ônibus para Barão, comecei a testar o aparelhinho, tive a impressão de que o tempo passava rápido demais. Será que estava com defeito? Então prendi a respiração e cronometrei..... trinta segundos! É o meu tempo. Funciona.⁶

Além de vigiar cronômetros o Marcemino é professor de História e projeto de informática em uma escola municipal de Campinas e mestre pelo GEPEC⁷ e é dessa escola que chegam suas perplexidades e preocupações, como no início do segundo semestre de 2008, quando ele andava preocupada com as "gincanas" escolares, vai ouvindo...

6 **O previsto, o acaso e o tempo que passa.** Marcemino Bernardo Pereira. Pipoca enviada em 09/11/2008.

7 PEREIRA, Marcemino Bernardo. **Múltiplos projetos:** produção de vida variada no ofício de professor.

Já faz muito tempo que não aplico uma prova, mas em meio a sinais dos tempos como Saeb, Enem, Saresp e outros a serem criados, sinto ser da minha responsabilidade treinar os alunos nesta modalidade de avaliação. Não foi fácil elaborar perguntas objetivas, com uma margem segura de respostas previstas e mensuráveis. Mas fazer o quê, esta ainda é a maneira mais eficiente de se calcular a rentabilidade dos conteúdos aplicados. São aplicações de renda fixa a curtíssimo prazo, mas o rendimento é baixo e o risco é alto. Não se inventou ainda uma álgebra que dê conta de tanta complexidade.

Essa complexidade transparece nas duas Pipoquinhas enviadas em 15 de novembro de 2008, que mostram equívocos entre as expectativas do professor e as do aluno.

Esta era uma turma de oitava série, já no segundo semestre, finalzinho do ano letivo. Havia um menino que atrapalhava a aula porque falava o tempo todo, mas de quem eu gostava. Ele era muito talentoso para escrever, não só pelo bom desenvolvimento das idéias quanto pela letra.

— Lauro, você escreve muito bem. Vai prestar vestibulinho para quê?

— Não sei não, professor.

— Rapaz, mas você precisa pensar nisso. Sei lá, presta vestibulinho para alguma área de comunicações, você escreve muito bem. Jornalismo... Você ainda pode ser um advogado na vida.

E ele, meio sem jeito:

— Sei não, professor. Preciso conversar com meu pai.

Algum tempo depois voltei a perguntar:

— E então Lauro, já decidiu?

— Esses negócios que o Sr. falou ai é bom, mas eu conversei com meu pai e vou prestar para “patrulheiro” mesmo.

Na Pipoca Escolástica ele conta como escrever sobre os acontecidos da escola é uma maneira de ser conhecer como professor:

Fazer registros do que acontece na sala de aula tem se tornado um hábito muito interessante e divertido. Procuo fazê-los ainda no calor dos acontecimentos - durante a aula ou ao chegar em casa, no mesmo dia - e quando os leio algum tempo depois, o “professor Marcemino” que toma forma nestes escritos nem sempre coincide com aquele que tanto prezo.

E nos mostra algumas destas anotações como esta:

Este outro é do dia 29 e escrevi já em casa.

“Hoje estou um pouco irritado. Senti-me desrespeitado na sala de aula, na sétima série A, principalmente. Eu estava com pressa e querendo manter a minha autoridade, sei lá, então entrei já meio “bravo”, acho que foi isso. Ali dentro tem uma turma que só me atrapalha. Dei uns berros e ouvi comentário do tipo...ele está nervoso...ai fiquei mais nervoso ainda, mandei dois garotos para fora da sala e tentei manter o controle sobre os demais....tudo era motivo para um ou outro rir. E isso me deixou mais irritado ainda. Nem pude fazer os meus registros normalmente. Tchau! Fui!”

Algumas Pipocas de 2008 do Marcemino tiveram um charme especial. Todo final encontrávamos um questionário provocado pelo “causo” e o desta Pipoca acima foi:

Lição

Complete as frases preenchendo a linha pontilhada:

A colonização.....colonizados.

A escolástica.....da escola.

Na Pipoca Costurada de 30 de agosto de 2008 ele entremeia texto dos alunos no seu texto. Era um estudo sobre imigração e ao final lá estão, em negrito, suas Lições:

Lição: Responda no caderno e entregue se puder.

Multiculturalismo é múltiplo de 2 ou de 3?

Como se comemora a memória?

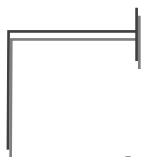
As perguntas receberam muitas respostas, como a da Cris:

Lindo, lindo.

Multiculturalismo é múltiplo de gente e a memória se comemora assim desse jeito que vc fez.

Repartindo, contando, escrevendo, valorizando, incentivando e estando ao lado dessa geração que fica na nossa memória, e que leva a gente na dela.

Eu sempre fiquei com esta segunda pergunta na cabeça, na espera, e a resposta eu encontrei, dois anos depois, com uma pipoca chamada Carta de amor, do próprio Marcemino.



do baú

Trechos de dois e-mails enviados em 2010

Marcemino

Como comemorar a memória? Lembra desta sua pergunta?

Você a colocou em outro escrito, Pipoca Costurada de 2008 e nunca soube responder, mas nem consegui esquecer a pergunta;

agora, encontrei a resposta em outra Pipoca sua, a **Carta de Amor**, vai ouvindo meus recortes no teu texto:

[...]

As idéias estão estranhas porque nunca vi texto encarnado - "*estou aqui*"! Como assim? Este jeito de escrever e os saberes que o anima não cabem na ficha de avaliação. [...]

Ainda aprendo alguma coisa deste escrito em folha de caderno três vezes dobrada, mas sem muita precisão.

Como comemorar a memória? Acho que agora eu sei: em uma carta de amor dobrada três vezes sem muita precisão.

Escrevê-las talvez seja uma forma de se acertar na memória, com "o tempo e essas contas que temos para acertar ou não com ele, [já] que de certa maneira vamos percebendo com o passar do tempo que tem contas que independe do tempo." (do teu e-mail de 15 de março de 2010)

Achei um poeminha do Pessoa, na pele do Álvaro de Campos, e envio pra você e pra tod@s que estão espiando este e-mail, um dos versinhos porque acho que completa a pesquisa de 2 anos para responder à sua pergunta:

Como se comemora a memória?

Resposta: em ridículas cartas de amor, dobradas 3 vezes.

Mas afinal

Só as criaturas que nunca escreveram

Cartas de amor

É que são ridículas

Pessoa/ Álvaro de Campos

Como se comemora a memória?

Ana Maria de Campos¹

Essa questão me intriga há muito e meu amigo faz questão de reapresentá-la. É um desafio. Por que não?

*Palavra, palavra [...]
se me desafia,
aceito o combate.*

Pois hoje está *'sendo'* um dia assim, diferente de outros. E eu também estou *'sendo'*.

Acabo de chegar da cerimônia de posse da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região e meu companheiro estava lá, como um mestre de cerimônias recebendo as pessoas, acolhendo, coordenando aquele ato político importante para a vida de muitas pessoas... incluindo a minha.

Em 1988 fui trabalhar neste Sindicato no Departamento de Formação Sindical... Formação! Que palavra forte, difícil. Já ouviram "Ecos do Æo"? Eu? Formar o quê, para quê, para quem?

Pensar que trabalhamos, nós educadoras e educadores com a formação das pessoas. Que tamanha responsabilidade e desafio! Quanta pesquisa, atenção e cuidado é preciso realizar para aprender a ensinar e *como* ensinar.

1 Professora do Programa de Pós-Graduação do UNISAL - Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Campus São José – Campinas/SP. Doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

Ali, com aqueles trabalhadores e trabalhadoras, aprendi a olhar para questões que não foram abordadas, nem tangenciadas, no currículo da graduação. Olhar e ver as pessoas e suas histórias carregadas de singularidades e sentidos. Aprender que essas histórias ensinam e sugerem pistas para nosso trabalho, tal como os pequenos seres de Sedna, com suas incríveis aventuras a nos revelar diariamente como compreendê-los... Novidades para quem, recém-saída da universidade, vivia um desafio imenso.

*Mundo, mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.*

Hoje, tanto tempo passado, esse ritual memorialístico feito sob o foco de uma lente por demais subjetiva, emocional, me transportou para espaçostempos outros. Conversando com jovens diretores que pela primeira vez assumem o desafio da luta sindical fui abraçada por uma afetividade comovente.

Num momento de descontração e de prosa miúda pude viver novamente o encanto dos sonhos cultivados de geração em geração. Famílias inteiras congregadas numa mística unidade de esperança militante. Parece ficção, mas não é.

*Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.*

Tempo de homens partidos, de tensões e ambivalências no qual, por incrível que possa parecer, ainda florescem até nas pedras, as violetas, como diria o poeta Manoel de Barros. Nas frestas e na contramão, interstícios de fraternidade e de sonhos não abandonados.

Pessoas simples, como o China e o Catito, resgatadas da desumana condição para a qual a sociedade do consumo as empurrou, hoje, plenas de vida e de alegria. Fazendo gentilezas, servindo as pessoas, brincando, sorrindo. É impressionante ver a transformação na vida de alguém simplesmente porque foi tratada com dignidade e respeito! Sou testemunha dessas histórias de vida. De superação. De ressignificação. Histórias tragicamente marcadas pela miséria e pela negação de direitos sociais. As mesmas que encontramos nas escolas públicas...

Com esses trabalhadores iniciei uma travessia que me conduziu pelos caminhos da Educação Popular. Na escola pública, viver os princípios de uma educação emancipatória é estar a todo tempo em confronto com práticas e contextos de exclusão, porque ela “mesmo quando oferece as mesmas oportunidades a todos, exclui”, relembrou Maria Teresa Esteban (2007).

Em recente trabalho em um projeto de alfabetização de adultos conheci muitas pessoas que estavam relegadas ao esquecimento, pelas n razões que todas nós conhecemos... Muitas dessas mulheres, várias professoras, vieram trabalhar conosco. Aceitaram o desafio de ousar criar novas possibilidades de aprendizagem para jovens e adultos não alfabetizados e também para si próprias.

Por que estou mencionando essa experiência? Porque elas conseguiram superar a barreira da humilhação, juntando forças com muitas outras pessoas e se puseram a construir uma nova opção de alfabetização em Campinas. Algumas professoras voltaram a dar aulas nas escolas públicas e outras, que tinham abandonado os estudos no Ensino Médio, hoje, exatamente hoje, foram prestar o ENEM.

Esse movimento é importante para a vida de muitas delas e para a minha também! Pois sinaliza para a busca por novos começos, novas possibilidades de ser e estar no mundo. Renova as esperanças, revigora o meu compromisso com o trabalho. Juntamente com elas, estava o meu filho, realizando a mesma prova!

Para além das questões que esse exame suscita o que quero ressaltar, nesse momento, é o fato de senhoras, que há muito não estudavam estarem se lançando na busca da realização de seus sonhos.

De que trata uma educadora e um educador comprometido com a vida? Da vida, mas também dos sonhos! Muito insistiu Paulo Freire nos sonhos que ajudamos a criar e concretizar... Esses são sonhos gestados nos distantes anos 90 quando a Educação Popular começou a fazer parte de minha vida e da minha família... que estava se constituindo.

Hoje vejo o meu filho, juntamente com outras pessoas por quem também fui responsável pela *formação*, buscando a realização de sonhos. Sonhos possíveis. Agora possíveis.

E para terminar esse estouro de pipocas quero dizer que 50% da Diretoria do Sindicato foi renovada! Fiquei muito feliz. Mais algumas pessoas para a construção de '*um outro mundo possível*'!

E meu companheiro, a partir de hoje não mais na direção sindical, poderá trabalhar ao lado desses que estão chegando...

OBS: Sei que nas pipocas não se usa notas, porém quero dizer quais são as poesias citadas: Carlos Drummond de Andrade: 1. O lutador, 2. Poema de Sete Faces, 3. Nosso tempo.

Você Fez Falta

Cristina Maria Campos¹

Em 2000, comecei a fazer para cada aluno uma lista de chamada: a ideia era a leitura dos nomes e as atividades comuns que poderiam sair dali. Cada dia um faz a chamada e o restante acompanha marcando V ou F.

Neste ano, uma turma mais exigente quer ir além da chamada dos nomes, sobrenomes, apelidos, heróis e piratas.

Em um dia de cobranças, falei para as crianças que a chamada era importante também porque, quando os amigos chamam seu nome e você não responde “Presente”, você faz falta naquele dia.

A partir daquele dia a palavra “faltou” não apareceu mais, foi trocada por “faz falta”.

No final do mês, após contar as faltas de cada, um ouvia-se:

- Pirata Feliz, nesse mês você fez falta quatro vezes.
- Nossa! Pirata Rápido, você deixou a gente com saudades doze vezes, não faz mais isso não.
- Eu nunca vou fazer falta, minha mãe não deixa eu faltar.

Uma boa ideia para tirar da cama quem não gosta de acordar cedo no frio...

Outras vezes ouvia-se:

¹ Professora da Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP. Bolsista da CAPES - Processo N°5636/11-6. Doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

- Prô do Mar, amanhã vou “no” médico, já falei para minha mãe que faço falta, mas não tem jeito, ela falou que manda o atestado.

Dia 31 de setembro, após contarmos quantos alunos fizeram falta e colarmos no caderno a chamada do mês, o Pirata ColdBets chega perto da mesa e fala:

- Prô, amanhã na nova chamada você vai colocar seu nome também?

Sem entender, olhei para ele e respondi que não. Mas a pirataria já estava amotinada e o Pirata Bi falou assim:

- É que ontem você fez falta!

Um dia antes eu havia me ausentado da escola para ir ao dentista.

A folha de chamada de outubro foi feita com o nome de todos os alunos e no final com espaços para o dia em que farei falta.

Prô CRISTINA MARIA CAMPOS									
---------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Enquanto o gira-gira gera encantos...

Maria Fernanda Pereira Buciano¹

Meninos e meninas, que não estavam nem percebendo o movimento do gira-gira, brincavam com (dois brigavam por) pazinhas, outros estavam na gangorra, outros no escorregador...

Há um grupo de meninos que todo dia de parque escolhe um canto e começa a construir seus rios, pontes, castelos, lagos... São sempre os mesmos temas com poucas variações em bolos, tortas e jardins... no meio dos rios!

Na semana passada, percebi, com mais clareza, o quão rico é o momento de construção na areia... E fiquei com vontade de entender mais sobre engenharia, arquitetura, geografia... Se eu 'encasquetasse' com o parque poderia fazer estudos mil com eles...

Ao me aproximar de Pedro e perguntar o que fazia, ele me disse que construía uma ponte. Eles cavam um riozinho e depois fazem pontes para... Bem, nunca perguntei para quê!

Em outros momentos interfeiri na produção dos riozinhos, que quando eles julgavam prontos, enchiam baldes e jogavam água... O 'barato' e a realização deles era quando a água escorria sem parar... Muitas vezes não cavavam de maneira uniforme, ou faziam o rio muito raso e não deva certo, fui interferindo com perguntas e sugestões

¹ Professora da Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

até que conseguissem chegar às construções de rios que partiam de ‘montanhas’, que são o maior sucesso, pois aí é que a água corre mesmo!

Bem, mas voltando ao Pedro e sua ponte... Quis interferir, ao vê-la caindo pela segunda vez, e disse:

- Porque você não usa gravetos... quer ver?

E fui buscar gravetos, colocando entre as margens (mais querendo brincar junto do que fazendo outra coisa ‘mais pedagógica’!).

Ele jogou a terra com força sobre os gravetos, uns saíram do lugar, a terra vazou por entre os pauzinhos e Pedro disse, com calma (!):

- Tá vendo? Não dá certo!

E foi me mostrando como deveria ser feito. Primeiro fazia as bases da ponte nas duas margens, de maneira bem reforçada, e ia revezando o preenchimento da ponte, primeiro de um lado, depois de outro, até que o meio era preenchido.

Eu fiquei surpresa com sua técnica elaborada! O elogiei, disse que eu nunca faria assim, que eu não acreditava que tinha dado certo.

Pedro disse:

- Eu faço pontes desde os 4 anos!

Ontem, estavam reunidos: Pedro, o especialista em pontes, Cláudio, especialista em morros e depressões, Marcos fazendo ilhas e Eric, todos a construir um complexo aquático, que ficou lindo! Com ilhas, pontes que davam acesso a estas, rios com águas correntes (movidas a muitos ‘vai-e-vem’ de baldes)!!!

Eu olhei e disse:

- Gente... e a máquina fotográfica que não está aqui!?

Marcos: - Vai buscar, prô!

- Não dá, não posso deixar vocês sozinhos...

Marcos sacudiu os ombros...

- Gente, vocês tem que me lembrar de trazer a máquina na sexta que vem, tá?

- Que horas, prô? (já sabendo que não é a qualquer hora que eu posso pegar a máquina na secretaria!)

- Me lembra na hora do lanche!

De estorvo a inspiração

Liana Arrais Seródio¹

Hoje aconteceu muita coisa na escola, mas só vou contar uma, porque não posso me arriscar a perder o frescor da emoção que senti ao abraçar o M.

Depois cada uma das outras crianças.

...tenho que fazer um histórico, espero que seja mesmo uma pipoca, não um lanche completo.

Então.

Era uma vez um menininho que logo que vi achei parecido com o Menino Maluquinho do Ziraldo. Mas não o do filme, o do livro.

Tinha idade para o segundo ano e seria alfabetizado de acordo com as características da série se cada célula de seu corpo não avisasse que precisava de mais tempo para brincar, para conversar, para inventar moda, saltar as cadeiras e mesas provocando cada criança da sala e as professoras.

Como não aceitava as propostas para o segundo ano - leia-se: nem ele nem ninguém trabalhava naquela classe se ele promovesse 'das suas', resolvemos, as professoras - em 'conselho' - que seria melhor para todos que ele voltasse um ano. E também, hoje descobri, para ganhar abraços apertados e demorados que no segundo ano, terceiro ano, quarto... sobra menos tempo.

¹ Professora de Música no Colégio de Aplicação “Pio XII” – PUC-Campinas. Doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

Resultado parcial: foi a melhor coisa que poderia ter-lhe acontecido. E para outros, como vocês poderão ver.

A classe nova é uma classe tão pacífica, tranquila, certinha, sensível, conversadeira, pode-se dizer re-fle-xi-va, que qualquer um diria que ele iria destoar. No entanto, trouxe possibilidades de discutir situações que dificilmente alguma daquelas crianças enfrentaria este ano, ao menos. O M. veio junto com outro modo de viver a vida. E foi isso mesmo o que fez! Re-harmonizou² a classe.

Suas descobertas, seus saberes eram - são - muito interessantes. Movimentou a nova turma, pois existem diferenças culturais bastante acentuadas entre eles. Como falar palavrão, por exemplo. Como dançar com gingado. Como dar piruetas. Como soltar pum e dar risada. Como ir falando e perguntando tudo o que vem pela cabeça.

Fim do histórico.

Quarta-feira, 28-05-2008.

Os instrumentos estavam montados no pequeno palco da sala de aula. Eram xilofones e metalofones que eles já conheciam, mas como nos primeiros anos procuro estimular a percepção da música por meio da vivência corporal, só entram em momentos específicos como o de hoje.

A atividade era assim: ficar de costas e 'adivinhar' quem estava tocando.

Depois de irem ao palco, assim que todos perceberam que ninguém iria ouvir nadinha de nada do som do instrumento que tocava se não se chegasse a um acordo, todos seguraram um pouco a ansiedade, mas ainda é um desafio conseguir que o M. controle, sem perder, a sua

2 Em música, a re-harmonização de uma melodia cria para o ouvinte ou para o intérprete uma nova atmosfera, por vezes muito diferente da original. Embora seja reconhecida como a mesma melodia, toda a relação entre os elementos musicais ganha outros sentidos.

enorme vontade, energia e impetuosidade coisa que ninguém quer que aconteça. Espero que continue assim.

Chamei-o para ser o primeiro, mas ele já achou que eu estava tirando-o do jogo. Só mesmo a visão de sua fisionomia quando descia do palco (resignado deve ser a palavra) em contraste com a de satisfação assim que percebeu que ninguém estava querendo lhe dar bronca já valia esta pipoca, mas tem mais.

Estava tão próximo de mim para 'bater cara'(como no esconde-esconde) que se derreteu todo.

E o pior. Eu também. Foi um abraço delicioso enquanto ele fechava os olhos e adivinhava pelo som quem estava tocando.

Pior ainda. Cada criança que vinha me usar 'de parede' para 'bater cara', aproveitava para um abraço. E beijos de borboleta - que eles não conheciam!

Digo pior porque cada minuto perdido dessas coisas boas da vida já é demais. Agora, o melhor é estar presente nessa descoberta. Um real presente da vida.

E vale esta pipoca, não?

Pensar que na outra turma o M. era quase que só um estorvo! Agora é uma linda inspiração!

Brincadeira Útil

Lucianna Magri de Melo Munhoz¹

Marcela é professora do 1º ano do Ensino Fundamental (antigo pré), e sofre uma pressão por parte da escola e dos pais para alfabetizar as crianças até o final do ano. Esta tarefa não é nada difícil para ela, o difícil mesmo, é convencê-la de que a Educação Infantil é muito mais que isso.

Em nossas reuniões pedagógicas estamos sempre conversando sobre o que pode ser a Educação Infantil. Será mesmo que é só para prepararmos as crianças para o Ensino Fundamental??

Percebo o quanto ela tem conseguido se desvencilhar da ideia da Educação Infantil ser uma fase de preparação para o futuro. Aos poucos tem deixado as apostilas de lado e trabalhado com projetos que partam dos interesses das crianças, mas as coisas ainda ficam muito presas ao seu comando.

Parece ficar insegura quando vê que as crianças estão conduzindo os projetos, nestas horas ela dá um jeito de ter o grupo e suas atividades em suas mãos.

Mas esta semana, ela levou uma chacoalhada das crianças. Todos os dias Marcela organiza atividades ao ar livre para as crianças, disse que fica muito preocupada,

1 Professora do Programa de Pós-Graduação do UNISAL - Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Campus São José – Campinas/SP. Militante do movimento internacional Freinet. Mestre pela Faculdade de Educação da UNICAMP e membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada

porque eles não sabem brincar, só sabem correr, e que cabe a ela ensinar como se brinca.

Num dia ela trouxe boliche (para trabalhar adição) no outro pularam corda (para trabalhar o alfabeto) e assim por diante, tudo tinha um objetivo, uma estratégia, depois de alguns dias de parque dirigido...

Uma menina que não conseguia participar da atividade, de tanta vontade que estava de correr, olhou bem nos olhos da professora e disse:

- Quando nós vamos brincar de uma brincadeira útil??

Carta de amor

Marcemino Bernardo Pereira¹

- Professor, a minha irmã mandou uma carta para o Senhor.

- Que legal, Mariany, depois você me entrega.

Este recado foi-me dado logo no início das aulas, ainda na “confusão organizada” dos alunos nos corredores. Quando entrei na sala, cobrei o “presente”, que prontamente ela me entregou.

Existe esta diferença na relação dos ex-alunos com os professores, os meninos costumam aparecer na escola para visitas rápidas e contar sobre o que estão fazendo da vida; as meninas raramente aparecem, mas às vezes nos enviam cartas. Guardei a folha de caderno três vezes dobrada, mas sem muita precisão, para ler depois - *não aprendeu muita coisa sobre dobradura nas aulas de arte* - pensei.

A autora da carta foi minha aluna em 2008, na sexta série, e tinha muita dificuldade para escrever. Parece que havia uma parede entre ela e os textos que eu distribuía para estudo e pesquisa, a nossa comunicação era muito precária. Não encontrei as fichas descritivas dos problemas de aprendizagem que ela apresentava naquele ano, mas não é difícil de lembrar porque ainda hoje tenho alunos em situação semelhante:

- Excesso de cópia;

¹ Professor de História da Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP. Doutorando da Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

- pouca coerência;
- idéias sem desenvolvimento adequado;
- escrita de textos curtos e incompletos.

Uma das explicações para tanta dificuldade era o comportamento inadequado dela na sala de aula: ria alto e ficava trocando bilhetinhos com as colegas.

Por conta disso tudo, fiquei curioso para ler o meu “presente”.

Estou aqui para falar que estou morrendo de saudades, e é muito ruim ficar longe das pessoas que amamos e respeitamos - diz nas primeiras linhas, após me cumprimentar. Em seguida deseja-me um feliz 2010 e faz um pedido: Gostaria muito que guardasse esse pequeno papel, como uma recordação que simplesmente ficou no ar.

A carta é uma declaração de amor à escola. Está endereçada a mim, mas ela a finaliza mandando um abraço pra todos que fez e faz parte da minha vida, e em seguida cita a todos nós, sem exceção, dos professores às donas da faxina.

Que escrita é esta? Da escola é que não é. Não há cópia, é certo, mas a coerência do texto ficou por demais comprometida pelo compromisso solidário. As idéias estão estranhas porque nunca vi texto encarnado - *estou aqui!* Como assim? Este jeito de escrever e os saberes que o anima não cabem na ficha de avaliação. Quanto a guardar papéis, isso é rotina da escola - afinal, o que os alunos escrevem são provas. A palavra certa, neste caso, seria arquivar e não guardar.

Só não entendo como é que uma prova pode ficar *no ar*. Não há como dar uma nota para a recordação.

Mas não desanimo, pois é a promessa do encontro que nutre as cartas de amor. Ainda aprendo alguma coisa deste escrito em folha de caderno três vezes dobrada, mas sem muita precisão.

Conversas com as crianças....

Maria Natalina de Oliveira Farias¹

Com quase 45 dias desde o início dos trabalhos na escola, conversei, atendi muitas e muitas crianças. Thásila, Ricardo, William, Tiago, Gustavo, Vitor, Crislene, etc...Das histórias de cada um confluem na lógica escola. Parece que não cabem dentro da escola. Muito menos a escola caber dentro deles.

Mas eles estão lá todos os dias, irrepitidas vezes cutucando nossa própria lógica.

Hoje no recreio, fui numa determinada sala, aonde a professora queixava-se de três crianças, e a queixa era: não estavam “fazendo lição”, e incomodavam os outros colegas. Num outro dia a mesma professora reclamou para a assistente de direção, que não me chamaria mais na sala, pois fiquei “passando a mão na cabeça das crianças”. Ou seja, eu não estava resolvendo, como se pudesse, a questão que ela denomina indisciplina na classe. Lembrei o fato com Ana Claudia, no dia mencionado ajudei três crianças a resolver atividades. Eles estavam incomodando os amigos, porque não sabiam o que precisava ser feito. Expliquei uma vez só, conseguiram acompanhar a professora que estava fazendo a correção na lousa.

Uma outra também solicitou veementemente a advertência de dois meninos que brincavam de burquinha, e

¹ Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Hortolândia/SP. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

que ela havia proibido trazer para escola. Pensei: O que está acontecendo aqui? Querem que nós (eu, Ana e Renata) assumamos uma posição diante dos alunos, das que determina a punição, a bronca e o grito!!!

O evento sobre a burquinha rendeu uma conversa divertida entre eu e os meninos, pois no fim, eles ficaram me ensinando como jogar. Levei-os de volta para classe com o combinado da suspensão da burquinha até negociarmos com todas as professoras a permissão que as crianças estariam liberadas para criar o canto da burquinha no recreio.

A professora por sua vez explicou que não era o fato de brincar com o objeto o problema. Girava em torno do horário, eles continuavam brincando, embora o sinal tenha tocado. Questionei: Mas é motivo de tanto stress?

Afff, gente o que acontece na escola?? Please!!!!!!!!!!!!!!.

Ao retornar ao pátio dois meninos sentados no “paredão” (o paredão é um banco situado fora do grande pátio pensado pelos funcionários, para quem corre, briga, e chuta os amigos). Essa será outra empreitada que vamos problematizar com os funcionários.

E de repente, o Tiago socava o Gabriel, sem dó, nem piedade, com tal ímpeto, que fiquei assustada. Levei os dois para conversar, e quando calmos, olhei e perguntei: O que podem me dizer sobre os desentendimentos de vocês? Ninguém falou nada. Então, amanhã vamos conversar com as famílias de vocês, certo?

O Tiago afirmou que os pais não poderiam comparecer, porque a mãe ia visitar o pai no hospital, em virtude de um acidente de carro. Hummmmm, o que aconteceu com o seu pai? Porque houve o acidente?

Explicou que houve uma briga muito grande entre o pai e a mãe, que eles durante o trajeto a uma chácara,

discutiram violentamente na frente deles, e que a mãe ameaçou chamar a polícia e denunciá-lo por algo que fazia.

Também que o avô, havia sido agredido pelo pai, e ambos tiveram ferimentos, etc... Ele, um dia, fez as malas, e falou para os pais, que só retornaria pra casa quando parassem de brigar. Nisso chorou várias vezes, uma criança de oito anos vivendo essa história, o que mais poderia acontecer pra ele? Não sabia mais o que falar para aquele menino!

As vozes dos funcionários ecoavam na minha cabeça assim: “Esse menino é terrível!”; “Impossível, não sei como a Elizângela aguenta ele na classe”.

Depois fui em direção a Terezinha, a funcionária mais antiga para maiores “investigações” sobre a vida do Tiago.

CARTA-PIPOCA: O sentido da leitura diária...

Sabor: Horizonte Único ou Múltiplos Horizontes...

Tamara Abrão Pina Lopretti¹

Queridos Colegas do Grupo de Terça,

Saudades em participar dos encontros, que precisei interromper, devido a novos desafios e dificuldades nessa escolha em ser professora, agora professora de futuras professoras. Com certeza esse novo desafio, tem ingredientes e sentimentos para uma bacia de pipocas agridoceas (mistura de sabores e paladares, doces – amargos)... Mas nessa carta-pipoca, mobilizada pelo repente do Wilson, pela arte de tantas pipocas que estouram todos os dias, e, principalmente, por uma doce pipoca da Mafê, ao trazer o momento da leitura diária, quero inaugurar minha primeira pipoca no Grupo dos Pipoqueiros de Terça, pelo momento que mais me encanta quando estou na sala de aula: a nossa entrada na sala e a organização para a escuta (atenta-desatenta-curiosa-instigante-fantasiada-desconfiada-concordante) das histórias-leituras que a cada dia invadem o nosso lugar – lugar meu e dos meus 34 pequenos...

Esse momento que tanto me encanta, que tem um lugar especial na minha rotina e no meu planejamento, que exige todo um cuidado e preparo na seleção e no contar das histórias, por ser diário e intenso, de certo modo, acabou

¹ Elaboradora de conteúdos da TV Escola no Projeto Rede Pedagógica - área Formação de Professores. Doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

sendo naturalizado por mim mesma: ou seja, já não vejo a possibilidade da inexistência desse momento na sala de aula, em todas as salas de aula...

Achar que a hora da história ou da leitura faz parte de todas as salas, faz parte da escola, vendou meus olhos e com isso paralisou algumas das minhas ações na escola com as crianças... Vocês podem até achar...Como assim? Que pensamento doido é esse?

Incorporei a prática da leitura diária, que parece ter virado pele da professora (o que é bom), mas deixei de pensar sobre seus sentidos, na minha prática, seus efeitos na sala de aula, nos sentidos da leitura para cada criança, no que gostam e não gostam, no que acham ou não, e com isso me esqueci de olhar/sentir o que de sonho e fantasia tem sido produzido em cada criança a partir desse momento...

Ou seja, a prática de ler para as crianças as histórias que EU (PROFESSORA-AUTORIDADE DA SALA) escolho, por que me permitem fantasiar e imaginar, por que permite o acesso e contato com os mais variados gêneros textuais, ultimamente estava andando com alguns buracos, estava faltando alguma coisa: o olhar, o sentido, a fala, o pensamento das crianças, o que aprendiam, viam e sentiam com cada história... Essa outra dimensão da leitura-compartilhada estava sendo silenciada pelo automatismo expresso: *“Pessoal, escolhi essa história para gente ler hoje!!! Então, não quero ninguém falando nada, hora da leitura é hora de ficar quietinho....”*

Caí sem perceber na armadilha do automatismo da prática, mas felizmente consegui sair dessa mesma armadilha por duas ações: uma individual, retratada na fala de um “ex”-aluno (não o vejo como ex, pois na escola os alunos são “nossos” e esse será meu para sempre) e a outra

coletiva, expressa no silêncio da maioria das crianças ao terminar de ler o texto escolhido:

Da ação individual – a seguinte fala: “Professora, sabe do que eu mais tenho saudades de quando era seu aluno?” Nesse encontro com o Fábio, respondo que não sabia, mas estava certa que ele diria que tinha saudades de mim, da professora Tamara. Me engano com a resposta: “Das histórias que você lia pra gente todos os dias. Por que na 3ª série, as professoras não podem mais ler para os alunos?” Me despedi desse encontro sem ter uma resposta para dar para o Fábio, pois é, por que será que as professoras não podem ler para os alunos, mesmo já estando alfabetizados???

Ler na sala todos os dias serve para aprender a ler, para conhecer vários gêneros. E para o que mais? Depois que a criança aprende a ler, a leitura do professor não tem mais sentido?

Me despedi, dizendo, “Peça para a sua professora se você não pode ler uma história para sala e aí, quem sabe, ela também queira fazer alguma leitura”. Sei que não foi a melhor resposta, e talvez não traga sentido algum para a falta que ele sentia, mas no momento foi o que consegui dizer...

Muito bem, passei bons dias com essa pergunta martelando, mas, por outro lado, feliz e satisfeita na minha segurança docente, pois pelo menos, na minha sala a leitura tinha um lugar de privilégio.

Da ação coletiva - Mas, para o meu espanto, ao terminar de ler a história “Alice no jogo de Xadrez”, do livrinho Vice-versa, uma das ações que aconteciam todos os dias, após a história, é cantar a música “E agora minha gente, bata palmas quem gostou” e depois, bater palmas...

Pois é, essa atitude discente que é diária foi substituída por expressões de indiferença, onde todos abriram a mochila, pegaram o caderno e perguntaram: “Prô, você não vai passar a rotina na lousa?”. E na hora respondi, até um pouco alterada, “Como passar a rotina na lousa, vocês não vão bater palmas para a história? Vocês não gostaram?”

E o Halysson responde: “*Eu não entendi e não gostei também!*” e aí o Alexandre coloca: “*É que você fala, que tem que ficar quietinho na leitura e não deixa a gente falar nada*”... E aí todos começam a falar ao mesmo tempo (virando aquela bagunça), um emaranhado de gargalhadas, vozes e palavras, que me faz entender que: por que bater palmas se não há espaço para conversar com as leituras e os sentidos produzidos, se não deixo que encontrem o sonho e fantasia de cada história contada, se não deixo que sugiram que outras fantasias mais possam fazer parte desse momento, quando vêm todos alegres com a indicação de um livro e de imediato já respondo: “Esse não, pois já tenho escolhido um livro para hoje”.

Impressionante como algumas crenças, vão nos impedindo de enxergar alguns pontos tão importantes quanto a própria intencionalidade da prática e do planejamento... Continuo defendendo esse espaço da leitura diária na prática de TODOS os professores, defendendo a intencionalidade nas escolhas dos gêneros, dos autores, dos livros, pois essa é uma responsabilidade que temos que assumir como professores que buscam desenvolver a formação de alunos-leitores.

Mas agora, me coloco ao desafio, “*à presença atenta*” (expressão que aprendi hoje, numa mensagem da Rosaura), de incluir nesse planejamento intencional a possibilidade de partilha com as crianças, a possibilidade de questionarem minhas escolhas, de também escolher e com isso, dar espaço

para o que imaginam, fantasiam e sonham com cada história escutada, apresentada e lida... Histórias que agora, eles também têm o direito de pedir, escolher, indicar, pedir para repetir.....

Estou aprendendo novamente (pois no meu primeiro ano como professora, esse espaço de partilha tinha lugar garantido...) que a “hora da leitura”, também permita falar, conversar, dizer o que pensa e sente, dizer que não gosta ou que preferia outra história, imaginar outras histórias, outras possibilidades, outras fantasias, que eu-professora não consegui prever ou imaginar....

Dessa carta-pipoca-relato-desabafo que quis compartilhar com vocês, vem a lição angustiante de como é fácil em nossas ações automáticas, nos perdermos dos nossos próprios discursos e ainda, o quanto que algumas crenças, fruto dos discursos e saberes que incorporamos e naturalizamos, nos distancia do encontro com outros horizontes...

Com tudo isso, alguns modos de preparo para essa pipoca com sabor: Leitura de todos os dias:

1. Que possamos ler TODOS OS DIAS para os nossos alunos, independente da série!
2. Que a leitura diária feita pelo professor tenha o objetivo de ampliar o universo cultural e simbólico das crianças, por isso, a seleção do que é lido, não pode prescindir de planejamento e intencionalidade;
3. Que a leitura diária, seja porta de entrada para a expressão de vários sentimentos e opiniões;
4. Que estejamos atentos aos dizeres e opiniões das crianças, nesse momento;
5. Que as crianças possam também indicar e sugerir o que deve a ser lido e compartilhado;

6. Aprender é também fantasiar, imaginar, desgostar, perguntar...
7. Que um único horizonte possa dar lugar a sua multiplicidade....

Cordel: Educação com Poesia

Wilson Queiróz¹

Da beleza da matemática
Passando pela questão da autoria
Não dá mais para suportar
Educação sem poesia.

Seja fundamental ou médio
Seja história ou geografia
Não dá mais para aceitar
Educação sem poesia.

Professora ou Educadora
Questão de ordem do dia
Precisamos reivindicar
Educação com poesia.

Para índios, negros e brancos
Qualquer que seja a etnia
Já não é possível admitir
Educação sem poesia.

Classe alta, média ou baixa
Do centro ou da periferia
Não podemos admitir
Educação sem poesia.

¹ Professor de Matemática da Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP. Escritor de cordéis e pesquisador de pedagogia etnicorracial. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

Se buscamos igualdade
Respeito e cidadania
Precisamos conquistar
Educação com poesia.

Se o sol cedo aparece
Despertando um novo dia
Peça a aurora para trazer
Educação com poesia.

Se a ordem e o progresso
Te impuser a tirania
É preciso lutar por
Educação com poesia.

Se o sucesso da educação
Impuser o que silencia
È preciso falar sobre
Educação com poesia.

Para lutar contra a barbárie
E também a hipocrisia
É preciso conquistar
Educação com poesia.

Educação é para a vida
Sem esquecer o dia-a-dia
É preciso cultivar
Educação com poesia.

Professoras ou diretoras
Profissionais da secretaria
É preciso administrar
Educação com poesia.

Seja na sala de aula
No pátio ou na cozinha
É preciso alimentar
Educação com poesia.

Se na escola ninguém ri
Sente tristeza ou alegria
É preciso fazer aflorar
Educação com poesia.

Do trabalho eu não consigo
Sentir nenhuma melhoria
É preciso apontar
Educação com poesia.

Se os problemas são tantos
E ninguém nunca concilia
E preciso advogar
Educação com poesia.

Se prevalece uma dor
Diante da alegria
É preciso chorar por
Educação com poesia.

Se a sensibilidade se perdeu
Ou nada mais te alivia
É preciso tratar da
Educação com poesia.

Para qualquer criança
Até as que se diferencia
E preciso integrar
Educação com poesia.

Neste modelo de mundo
Que tudo é mercadoria
É preciso valorizar
Educação com poesia.

Se a educação é a passagem
Para qualquer democracia
É preciso votar na:
Educação com poesia.

Se da vida nada se leva
E aqui a vida 'tá' vazia
É preciso viver
Educação com poesia.

Participando do CIPA
Investigando (Auto) biografia
Penso poder encontrar
Educação com (auto) poesia.

**CONTAR A AULA, REENCANTAR A ESCOLA,
(RE)INVENTAR A IMAGEM DE PRODUÇÃO
DE SABERES DOCENTES**

Maria Carolina Bovério Galzerani¹

I – Introduzindo o ensaio

“Pipocas pedagógicas”! Deparamo-nos perante produções pedagógicas extremamente inventivas, relativas à cultura escolar. Imagens a contrapelo (BENJAMIN, W., 1940, hoje publicada em 1986), no que se refere a ser professor, a ser aluno, à produção de saberes docentes.

Neste ensaio proponho-me a focalizar tais elaborações dos professores Marcemino Bernardes Pereira e Cristina M. Campos, na relação com outros docentes, percebendo as imagens que suscita, os abalos que provoca, os movimentos que instala, as posturas cristalizadas que desinstala, sobretudo no que diz respeito à representação de produção de saberes docentes e escolares.

Para compreender de maneira dialogal as “pipocas”, é preciso inicialmente situá-las historicamente. Foram engendradas por dois professores de História da escola pública (municipal) da cidade de Campinas (SP), com Mestrado em Educação (pela FE/Unicamp), hoje doutorandos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas

1 Docente da FE/Unicamp, diretora do Centro de Memória/UNICAMP, professora e pesquisadora do do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC), da FE/UNICAMP.

em Educação Continuada (GEPEC). Foram engendradas a partir em 2008, num momento cultural considerado de “crise” da escola, com todos os desafios e as potencialidades de ruptura que as crises, tendencialmente, oferecem.

Os professores, seus autores, da mesma forma que Platão, acreditam que para ensinar necessita-se de Eros. Afirmam eles “temos que ter uma relação de afeto com os alunos, o resto a gente pensa depois!!!” Portanto, o Eros aparece não apenas como inspiração para o ato de ensinar, mas, sobretudo, na relação com as pessoas dos alunos. E isto faz toda a diferença! Ou seja, se tratam de professores que optam por se situar no absoluto dos seres humanos, em sua atuação profissional, e não no absoluto da razão técnica, instrumental – a qual, em grande parte das vezes, prepondera na cultura escolar dominante. Esta última imagem foi produzida na relação com o trabalho do educador espanhol, dedicado à formação de professores, José Contreras (2002).

É claro que os professores focalizados colocam em ação o “machado afiado da razão” – como afirma Walter Benjamin – para produzir suas “memórias”, relativas ao ato de ensinar/aprender no mundo da escola. Mas o utilizam de maneira especial, ressignificando o próprio sentido da racionalidade docente – na relação direta também com um grupo de pesquisa especial do qual fazem parte na FE/Unicamp, o GEPEC.

Mas, nos perguntamos, que maneira especial é esta de produzir saberes docentes, escolares?

Que racionalidade dissonante é esta?

A seguir passo a ler as “pipocas pedagógicas” elaboradas pelos professores aqui presentes como “correspondências” (no sentido baudeleriano) do pensamento de Walter Benjamin, filósofo alemão/judeu,

crítico de arte, especialista em linguística, que articulou o marxismo à Escola de Frankfurt, ao judaísmo heterodoxo.

Este filósofo viveu entre os anos de 1892 e 1940 na Europa e produziu questionamentos e, ao mesmo tempo, alternativas em relação à grave crise sócio-político-cultural da modernidade capitalista do início do século XX, explícita na ocorrência de duas guerras mundiais, em meio a totalitarismos de toda ordem, os quais originaram tantos horrores no que respeita às vidas e às relações humanas destruídas, esfaceladas, partidas! Face a este caos social, este filósofo conseguiu fazer de sua angústia fonte de esperança, de humanização e de “salvação”, articulando densidade reflexiva a uma linguagem plena de poesia. A obra benjaminiana a ser focalizada é o ensaio “Teoria do conhecimento, teoria do progresso”, parte da obra inacabada, intitulada “Passagens”, produzida entre os anos de 1927 e 1940 (traduzida para o português em 2006).

Por que leio as pipocas como “correspondências” ao pensamento benjaminiano? Basicamente porque há um encontro destas produções atuais com o filósofo berlinense, nesta viagem (Erfahrung) de buscas, tanto de questionamentos em relação à modernidade cultural hoje radicalizada (também no universo da escola), quanto de esforço de elaboração de alternativas docentes, capazes, igualmente, de fazer da angústia, da insatisfação, novas possibilidades, novas esperanças!

II – As Mônadas

“(…) descobrir na análise do pequeno momento singular o cristal do acontecimento”(…) (Walter Benjamin, N2,6, 1927)

“(...) a escrita das pipocas é exercício de formação continuada porque nos põe a pensar sobre estes pequenos eventos dialogados, estes fragmentos de conversa do cotidiano da escola que nos tocam porque nos dizem algo sobre nós mesmos, sobre nossas práticas, sobre os alunos, sobre a escola.(...)” (Marcemino Pereira).

(...) Você me inspira a tentar escrever sobre pequenos gestos, palavras e cenas que mostram quem são as crianças, como pensam e elaboram idéias nos diálogos com os colegas e com a pró!(...)(Maria Fernanda Buciano).

Pois bem, leio as “pipocas pedagógicas” como mônadas, ou seja, como pequenos fragmentos ou miniaturas de sentido – muito próximas à concepção imaginada por Benjamin na relação com o físico seiscentista Leibnitz. Mônadas que têm como característica serem produções sintéticas, rápidas, adequadas a um tempo concebido, igualmente, como passagem rápida, urgência. Mônadas que como pequenos cacos de um vaso de porcelana têm a potencialidade de propiciar a compreensão mais ampla do todo – portanto, muito diferentes dos fragmentos concebidos em moldes positivistas.

Marcemino e Cristina, na relação com os colegas docentes, entregando-se a objetos singulares, vividos no cotidiano de suas atividades docentes, num “delicado empirismo”, concebendo a essência não por trás ou acima das coisas, mas nas próprias coisas, registram-nas, produzindo “saberes sensíveis” – atentos às experiências vividas na escola com seus discentes. Nestas elaborações, trazem a irrupção do fragmento, como possibilidade de estilhaçar a linearidade do caminho muitas vezes prevaemente na cultura escolar (bem como acadêmica), no que diz respeito à produção de saberes docentes.

Refiro-me a uma linearidade que implica em uma lógica pautada na concepção de começo, meio e fim, artificialmente tomada como natural e pautada em contiguidade forçada, lógica em grande parte das vezes hierarquizadora, compartimentalizadora, maniqueísta, desprovida de contradições e ambivalências, e apresentada como verdade absoluta.

Nas palavras de Walter Benjamin, a ruptura de linearidade possibilita “preservar os intervalos da reflexão” (N1,3), arrancando o fenômeno do movimento contínuo e possibilitando sua explosão como mônada – diriam Marcemino e Cristina, como “pipoca”.

Quanto à imagem de “explosão”, Benjamin a compõe dialogando de perto com o movimento surrealista, que se fundou na procura de outras palavras, palavras outras, para se afastar de um formalismo linguístico homogeneizador.

III – Imagens dialéticas

“a imagem dialética é uma imagem que lampeja”
(Benjamin, n. 9,7, 1927).

“(…) ao mesmo tempo, quando postados na rede”(estes fragmentos de conversa), “por conta também do diálogo que se estabelece, giram o nosso olhar para um novo foco, constroem-se outros sentidos por meio das palavras do outro(…)”. (Marcemino Pereira).

“(…) Cada pipoca estourada e saboreada no grupo nos informa e nos forma, nos obriga a questionar e a rever nossas práticas a cada momento da aula, humanizando as relações da escola através do olhar do outro (….)”. (Cristina Campos).

Os professores, ora focalizados, em suas “pipocas” trabalham com imagens que lampejam, ou que dançam – diria Nietzsche, aliás, no qual Walter Benjamin também se inspirou.

Imagens plenas de contradições e de movimentos de negação de um pólo para a sua própria afirmação. Imagens que entrecruzam o ocorrido no passado e o agora da elaboração. E é justamente na agorabilidade, como íntima relação entre o passado, o presente e o futuro -dimensão esta afirmadora do “despertar” no momento presente- que as mônadas, as pipocas têm a potencialidade de serem lidas a contrapelo, ou seja, na direção oposta às relações culturais dominantes, produzindo descontinuidades, rupturas, invenções.

Os movimentos dialéticos das representações colocadas em ação - da mesma forma que os silêncios, os intervalos de sentidos, os inacabamentos dos fragmentos-, abrem brechas de sentido, para que o leitor (professor, aluno, nas listas de discussão on line, ou em classe) adentre as imagens, não como espectador passivo, muitas vezes perdido no interior de si mesmo, mas como autor com arte. Ou seja, como portador de sensibilidades e experiências igualmente inventivas.

IV - Progresso

(...) O conceito de progresso deve ser fundamentado na idéia de catástrofe. Que ‘as coisas continuam assim’ – eis a catástrofe”(…) (Walter Benjamin, N9a,1,1927).

“(…) não lemos os alunos junto com os professores, é sempre na dicotomia, um e outro; na sala de aula nem sempre é assim, nem sempre tem de um lado os alunos e

de outro o professor, temos montes de lados. não proponho um professor explicando o texto do aluno, explicando o que o aluno queria ter dito ou coisa assim, mas junto(...)" (Glória Cunha).

"(...) todas as vezes que fugia do padrão da escola e viajava pelo mundo com meus alunos seguia o caminho correto (...)"(Cristina Campos) .

"(...) Sabe que to até achando que de repente a escola tem futuro mesmo. Não essa trilha conhecida, como vc falou tão bonito no último encontro, mas uma trilha escrita, arranjada e executada por heróis, piratas, e eTs da Mafê e isso muito me alegra(...)" (Cristina Campos).

"(...) olhar a escola através do olhar de um pequeno grande homem (...)" (Cristina Campos).

"(...) Entre os gêneros que trabalho, o que mais gosto é quando eles articulam os "conteúdos" da disciplina com memórias de família, com as histórias contadas pelos colegas durante a aula e também as histórias que eu conto. São textos em que a memória é tratada como argumentação. São textos de muita densidade emotiva, é o trabalho da voz, com certeza (...)" (Marcemino Pereira).

"(...) Agora vejo que não deveria ter respondido tão categoricamente que ogros não existiam. Eu, Professor de História, não poderia jamais fazê-lo porque compliquei demais o tempo, a ponto de esvaziá-lo totalmente dessa sofisticação pela simplicidade que é a fantasia(...)" (Marcemino Pereira).

Nas trilhas tão conhecidas, cristalizadas e desgastadas da cultura escolar, o ideal de progresso apresenta-se como um movimento educacional que vai do "senso comum" aos

saberes científicos, quase sempre compreendidos como apartados das experiências plurais e centrados muito mais na racionalidade e não nas sensibilidades.

Walter Benjamin, em sua obra, alerta-nos em relação à configuração de tal idéia de progresso, intimamente articulada à modernidade capitalista – no presente caso radicalmente moderna. Concepção esta, não como natural, ou psicologicamente compreensível, como em grande parte das vezes a encaramos, mas como catastrófica, justamente porque produtora de práticas hierarquizadoras e dicotômicas, no que diz respeito aos saberes docentes e discentes. Práticas, por sua vez, responsáveis pelo prevailecimento de vivências automatizadas, individualistas, esgarçadas educacionalmente, destituídas de sentido – tanto para o professor como para o aluno. Práticas, ainda, produtoras não apenas de saberes disciplinares partidos, mas de homens, mulheres e crianças partidas!

Os professores, ora focalizados, na elaboração de suas pipocas pedagógicas, estão alertas em relação a tal catástrofe e buscam pequenas alternativas de superação, através da prática de rememoração das suas atuações professorais. Encadeando o presente e o passado, ressignificam e firmam imagens e responsabilidades relativas ao ato de ser professor. Ato que segundo eles envolve a produção de intensas e dinâmicas relações entre diferentes e não hierarquizados saberes. Diferentes saberes docentes, diferentes saberes discentes. Saberes escolares, fundados, sim, na racionalidade, mas que não dispensam o afeto, as emoções, a imaginação, os sonhos. Saberes docentes e escolares, sempre inacabados, sempre abertos ao repensar, à ressignificação, e que sempre devem estar articulados ao encadeamento das temporalidades, de maneira a reencantar o próprio presente.

Para Walter Benjamin o verdadeiro progresso é a interferência no curso do tempo, implicando na rejeição da idéia de que as coisas vão acontecer inevitavelmente, de acordo com os rumos previamente definidos. O verdadeiro progresso é atividade, movimento e mudança. Perder a oportunidade de agir é catástrofe; o progresso seria a primeira medida revolucionária.

Os professores ora em foco, não perderam a oportunidade de agir e, na produção de suas pipocas pedagógicas, vêm elaborando micro revoluções!

V - Montagem – o todo

(...) “até que todo o passado seja recolhido no presente em uma apocatástase histórica” W. Benjamin (N1a,3; 1927)

(...) “a história não é o objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio e, sim, o tempo do agora” (...) (Walter Benjamin G.S.I., 701)

“ao escrever pipocas sobre o cotidiano dos meus alunos, nós estávamos fazendo história e dividindo-a com outros, que por serem leitores também faziam história” (Cristina Campos)

“É um enorme desafio falar de uma experiência tão intensamente dialogada e coletiva, como é a escrita das Pipocas Pedagógicas e manter, ao mesmo tempo, as singularidades de seus autores. (...) Um texto desta natureza resiste a qualquer tentativa de fechamento, mas precisa ser finalizado. Na verdade precisa dizer das lições que temos tirado desta experiência” (...) (Marcemino Pereira).

Para Benjamin a montagem de um texto, implica na inserção das outras vozes no seu discurso, dizendo com outros autores, produzindo conhecimentos na relação com eles. Para isto, utiliza os “resíduos”, incorporando outras vozes no seu dizer. O mesmo processo se dá com o conhecimento histórico: as imagens do passado se sobrepõem e ficam interligadas pela montagem. E essa montagem é constelar: os fragmentos se aproximam e se afastam em pontos diversos e têm múltiplas possibilidades de contato. Entre eles há espaços e descontinuidades.

Pois bem, a montagem das pipocas, bem como do texto de Marcemino e de Cristina, apresentam uma nítida correspondência com tal imagem de constelação, proposta pelo filósofo berlinense.

É nítida, nas pipocas e no texto, a inserção de uma pluralidade de vozes – via, por exemplo, incorporação de e-mails de professores do grupo GEPEC – vozes que dialogam entre si, ampliando vigorosamente a concepção de autoria do próprio texto. É nítida, igualmente, a recusa de contiguidade, de linearidade e da causalidade, permitindo no ato de leitura relações mais dinâmicas entre o passado descrito e o presente lido.

Segundo Benjamin, ao recolher os resíduos do passado e transformá-los em imagens, o historiador dialético poderia propiciar a reconstrução do todo – idéia presente no conceito de apocastátase. Tal conceito foi cunhado por Orígenes, na Grécia Antiga, e remete à origem, à reunião das almas no paraíso – na Idade Média tal idéia foi considerada herética pela Igreja Católica, pelo seu caráter diluidor das relações hierárquicas, também no que concerne à salvação.

Poder-se-ia pensar, no caso da presente produção textual, e no caso das pipocas pedagógicas, que o ato de

produção de conhecimento docente/escolar - como montagem de muitas vozes, sem linearidades, causalidades, mas com muitos intervalos e descontinuidades - (re)configurou profundamente suas bases, delineando imagens coletivas, dissonantes, constelares?

Respondo que sim!

São imagens plenas de uma racionalidade estética, elaboradas por professores que se percebem neste ato como fazedores da história, na relação direta com os leitores - igualmente fazedores da história.

Imagens que se apresentam narrativas - também no sentido tradicional das narrativas, focalizadas por Benjamin -, abertas sempre à ressignificação e comprometidas com o oferecimento de conselhos, capazes de estimular a continuidade da história no presente, pelo próprio professor ou por outrem.

Imagens políticas, que estimulam a todos nós docentes, a “despertar”, também no sentido benjaminiano, transformando os nossos sonhos em utopias!

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I.** Magia e técnica Arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, Pref. Jeanne-Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Obras escolhidas II.** Rua de mão única. Infância em Berlim por volta de 1900. Imagens do pensamento. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho & José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Obras escolhidas III.** Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa & Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Passagens.** Belo Horizonte: Ed.da UFMG/ Imprensa Nacional do estado de São Paulo, 2006.

CAMPOS, Cristina M; PEREIRA, Marcemino B. *Contar a aula, reencantar a escola.* In: **V Seminário Fala outra Escola – Carregando Sonhos,** 2010. Campinas. Textos de apoio para mesas e conferências. Campinas: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – Gepec, Unicamp, 2010, p. 71-83.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores.** SP: Cortez Editora, 2002.

PLATÃO. **A República.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira.